

An underwater photograph showing a diver in the center, surrounded by coral and seaweed. The water is clear blue, and the seabed is covered in brown and orange marine life. A yellow rope is visible in the foreground.

καιρός | kairós

Boletim do Centro de Estudos em
Arqueologia, Artes e Ciências do
Património

N.º 15

CEAACP - UC/CAM/UALG

FICHA TÉCNICA

Título καιρός | kairós. Boletim do Centro de Estudos em Arqueologia, Artes e Ciências do Património | **N.º 15**

Equipa Editorial

Joana Alves-Ferreira | Mariana Roque | Sérgio Gomes

Imagem de capa © Gonçalo C. Lopes

Edição CEAACP

ISSN 2184-7193

DOI https://doi.org/10.14195/2184-7193_15

Suporte Digital | **Formato** PDF

Contactos ceaacp@uc.pt

Financiamento



Centro de Estudos
em Arqueologia,
Artes
e Ciências do Património

12 01 90

UNIVERSIDADE DE
COIMBRA



UAlg

UNIVERSIDADE ALGARVE



Fundação
para a Ciência
e a Tecnologia



REPÚBLICA
PORTUGUESA

ÍNDICE

EDITORIAL	1
MENSAGEM DA COORDENAÇÃO DO CEAACP	4
REPRESENTAÇÃO DO CORPO NA PRÉ-HISTÓRIA RECENTE: REVISITANDO UMA FIGURINHA DE PORTO TORRÃO (FERREIRA DO ALENTEJO)	10
À BEIRA DO MONDEGO PLANTADO: O VASINHO PROTO-HISTÓRICO DA EREIRA (MONTEMOR-O-VELHO)	16
50LAYERS - 50 CAMADAS DE UMA REVOLUÇÃO	26
RELIQUIAE. SIGNIFICADO, MATERIALIDADE E ESPACIALIDADE DAS RELÍQUIAS.	42
PROJETO CONVENTUS: NOVOS OLHARES SOBRE O EDIFÍCIO DO ANTIGO CONVENTO DE SÃO JOSÉ EM LAGOA	62
OS TRAÇADOS ESTEREOTÓMICOS DO RETÁBULO DOS VALLE (SANTA IRIA, TOMAR) DE JOÃO DE RUÃO	76
MUCH LAGOS – MARITIME AND UNDERWATER CULTURAL HERITAGE AND THE EVOLUTION OF THE SEASCAPE	94
VIVENCIANDO O PATRIMÓNIO DO RECÔNCAVO: AÇÕES EDUCATIVAS NO MUNICÍPIO DE SÃO FÉLIX	112
RECENSÃO A JANELAS PORTUGUESAS DOS SÉCULOS XV A XVII.	120
LARA BACELAR ALVES. <i>IN MEMORIUM</i>	127





OBRIGADO LARA,
Pela poética da luz,
Pela tua amizade

EDITORIAL

Abrimos e fechamos este número da Kairós com uma invocação — e um agradecimento — à nossa Lara: à sua luminosa presença, à sua irredutível gentileza e inteligência. Entre estas páginas, reunimos um conjunto de olhares diversos nos tempos, técnicas e escalas, que concorrem para continuar a reanimar os traços do passado, interrogar o presente e imaginar outros tempos possíveis.

Começamos este número com uma mensagem da coordenação do CEAACP, num momento de mudança e renovação. Entre desafios e novas dinâmicas, permanece o mesmo compromisso coletivo que une os polos de Coimbra, Algarve e Mértola — uma energia criativa e colaborativa que esta Kairós também reflete e celebra.

Na secção **Arquivos da Terra**, os artigos questionam as formas humanas e sociais em múltiplas dimensões. Em “Representação do corpo na Pré-história Recente: revisitando uma figurinha de Porto Torrão (Ferreira do Alentejo)”, Ana Amor retorna a um objeto para iluminá-lo como ponto de vista sobre narrativas corporais e identitárias. Já em “À beira do Mondego plantado: O vasinho Proto-Histórico da Ereira (Montemor-o-Velho)”, Flávio Imperial e Sara Almeida exploram um recipiente cerâmico no cruzamento entre o quotidiano e o rito. Em “50LAYERS – 50 camadas de uma revolução”, Sérgio Gomes, Cristina Gameiro e Teresa Silva apresentam um projeto que celebra — e questiona — as múltiplas revoluções de que é feita a arqueologia portuguesa nos últimos cinquenta anos.

Nos **Territórios da Arte**, o foco desloca-se para o imaginário religioso, arquitetónico e simbólico. Em “Reliquiae. Significado, materialidade e espacialidade das relíquias”, Maria José Goulão confronta o sagrado e o corpóreo como matéria de criação de sentido. O “Projeto CONVENTUS: Novos olhares sobre o edifício do antigo Convento de São José em Lagoa”, de Catarina Almeida Marado e Lorena Sancho Querol, reflete sobre a arquitetura monástica e o seu potencial de reconfiguração contemporânea. Por fim, em “Os traçados estereotómicos do retábulo dos Valle (Santa Iria, Tomar) de João de Ruão”, Carla Alexandra Gonçalves descortina a geometria secreta — ou talvez apenas velada — na construção do espaço sacro.

Com os **Traços das Heranças**, as abordagens ampliam o horizonte para o marítimo, o educativo e o literário. Em “MUCH Lagos – Maritime and Underwater Cultural Heritage and the evolution of the seascape”, Gonçalo C. Lopes e Joana Baço exploram o património subaquático como espelho e motor das transformações costeiras. Fabiana Comerlato partilha a sua experiência de educação patrimonial em “Vivenciando o património do Recôncavo: ações educativas no município de São Félix”. A encerrar o número, José d'Encarnação propõe-nos a leitura de *Janelas Portuguesas dos Séculos XV a XVIII*, de José Luís Madeira e Jorge de Alarcão — um convite a observar o passado através de outras molduras.





**Centro de Estudos
em Arqueologia
Artes
e Ciências do Património**

Mensagem da Coordenação

Tal como o sistema científico nacional, o CEAACP está em mudança. Após anos de intensa atividade, no país e no estrangeiro, onde se destacam os projetos no Magreb, no Iraque e no Brasil, entre outros, a nova coordenação eleita no passado dia 30 de junho procura, naturalmente, outras dinâmicas. Dinâmicas que passam desde logo por manter o que a anterior coordenação criou e dinamizou e que hoje constitui muito da alma deste Centro de investigação onde se destaca, para além da qualidade da atividade internacional sobretudo em torno do Mediterrâneo, a sua ligação com a comunidade. Esta, uma das suas marcas mais representativas e identitárias, desde logo facilitada pela incorporação de vários

investigadores ligados a museus, municípios e outros organismos públicos, tem uma forte expressão nas três unidades de gestão através de prestações de serviço, exposições em parceria com museus e outros organismos públicos ou privados, e projectos europeus de investigação e de transferência do conhecimento. Mas, é necessário consolidar e aprofundar todo este trabalho através do alargamento e renovação da equipa de investigação, particularmente atraindo e fixando novos e jovens investigadores que possam dar continuidade e sustentabilidade aos projetos de sucesso existentes e desenvolver outros que se querem inovadores e disruptivos.

Os desafios são enormes e muitas as dificuldades! A avaliação de “Good” atribuída ao CEAACP no último processo de avaliação, apesar de ainda se aguardar pelo resultado definitivo à reclamação apresentada, pressiona demasiado o financiamento e obstaculiza as atividades a desenvolver. Se a equipa de avaliadores reconheceu os méritos do CEAACP naquilo em que somos fortes, teve dificuldade em ver continuidade e sustentabilidade desses méritos no futuro próximo, com argumentos pouco convincentes e nem sempre coerentes. Mas o caminho faz-se caminhando e, tal como no passado, as dinâmicas e a implantação no tecido cultural e social amplamente reconhecido permitirá suprir pelo menos parte do financiamento não atribuído. A forte coesão e complementaridades entre os polos das universidades de Coimbra, do Algarve e do Campo Arqueológico de Mértola, e a

experiência acumulada e já bem entrosada dos vários investigadores destes diferentes polos, criam muitas sinergias e vontades para prosseguirmos com determinação acrescida, garantia de sucesso para novos projetos, onde a Arqueologia, as Artes e a Arquitectura em diálogo permanente e profícuo contribuem de forma decisiva para o estudo, salvaguarda e valorização do nosso Património comum. Disso já temos experiências feitas, de que esta revista, mais voltada para o grande público, ou a [digitAR - Revista Digital de Arqueologia, Arquitectura e Artes](#), mais vocacionada para a disseminação científica, entre muitas outras publicações, são apenas parte e reflexo das vontades e dinâmicas instaladas.



UNIVERSIDADE D
COIMBRA





Diffused Reality: space, memory, text.

Castanheiro do Vento (Horta do Douro, Vila Nova de Foz
Côa) | Campanha de escavações de 2009. (Polaroid de
Joana Alves-Ferreira)



**arquivos da
terra**



***Representação do
corpo na Pré-história
Recente: revisitando
uma figurinha de
Porto Torrão (Ferreira
do Alentejo)***

Ana Amor Santos | CEAACP - Universidade de Coimbra
anaamorsantos@gmail.com

Cabe na palma da mão, a figurinha aqui revisitada. Trata-se de uma representação estilizada de um pequeno corpo humano moldado em argila durante o III milénio a.C.: a sua morfologia irregular e alongada é coroada por topo aplanado; dois olhos são indicados por duas pequenas perfurações e, entre estas, um nariz moldado; duas saliências paralelas na parte central da peça sugerem indicação de seios e apresenta uma linha de fratura entre a “cabeça” e o “tronco”.

Foi identificada no complexo de Porto Torrão (Ferreira do Alentejo), um extenso povoado calcolítico com recintos de fossos (v.g., ARNAUD, 1993; VALERA e FILIPE, 2004; ROCHA *et al.*, 2011; SANTOS *et al.*, 2014). Os contextos identificados enquadram-se na transição do IV milénio a.C. para o III milénio a.C. e em vários quadrantes deste último (idem, VALERA 2013). O espólio ideotécnico daí decorrente ultrapassa as duas dezenas, abrangendo placas de xisto, figurinhas, “ídolos” cilíndricos e falanges (ROCHA *et al.*, 2011; ARNAUD, 1993), na sua maioria integrando o enchimento de fossas – como é o caso da figurinha que aqui expomos (n.º16 em ROCHA *et al.*, 2011).

Atendendo à análise da representação do corpo na longa diacronia que temos vindo a desenvolver (SANTOS, 2020, 2025), podemos dizer que os números de pequenas esculturas antropomórficas em argila se intensificam durante o III milénio a.C. à escala peninsular, quiçá assente numa “tradição” do Neolítico Final de figurinhas troncocónicas em argila com “faces oculadas” (i.e., dois grandes olhos, raiados ou não, acompanhados por incisões lineares e/ou ziguezagueantes, tradicionalmente interpretadas como tatuagens ou pinturas faciais).

Este fenómeno acompanha a tendência de incremento da representação antropomórfica em diferentes suportes ao longo desse milénio, onde o motivo oculado prolifera em inúmeros materiais móveis (v.g., decorações de recipientes cerâmicos, diversos “ídolos” em pedra, osso e marfim), com maior incidência na metade sul e ocidental da Península Ibérica, e na arte rupestre (nessa e noutras regiões). Esta proliferação não se pode dissociar dos modelos de (re)organização dos grupos calcolíticos, dos seus espaços de vida e de morte. E demonstra, simultaneamente, um vislumbre das conceções corporais particulares dos seus intervenientes.

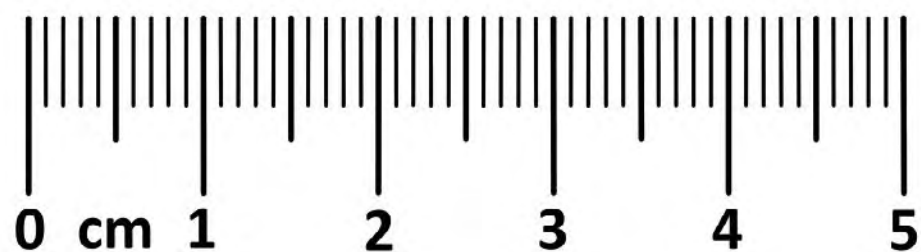


Fig. 1 – Figurinha antropomórfica recolhida no complexo calcolítico de Porto Torrão (Ferreira do Alentejo). Dimensões: 7,1 cm de comprimento; a parte superior tem 2 cm de largura e espessura, enquanto a parte inferior apresenta uma largura de 2,6 cm e espessura de 1,1 cm; as duas saliências na parte central têm 2,55 cm de largura e uma espessura de 1,9 cm (ROCHA *et al.* 2011). Fotografia: ROCHA *et al.*, 2011 (editado).

À escala peninsular, esta figurinha integra um conjunto de objetos em argila, menos numeroso que outras categorias ideotécnicas contemporâneas e pautado pela heterogeneidade morfológica, pelas pequenas dimensões e, frequentemente, pela fragmentação. Várias destas figurinhas são alongadas, por vezes com saliências possivelmente correspondentes a seios e alguma indicação de olhos e/ou nariz. Raramente apresentam indicação inequívoca de braços, pernas ou genitália.

Na sua simplicidade estética, esta figurinha de Porto Torrão é extraordinária por resultar numa representação de um corpo plausivelmente feminino, menos performativo que a tendência predominante nos objetos ideotécnicos contemporâneos. Isto é evidente, por exemplo, ao não aludir a quaisquer constituintes do motivo oculado.

A sobriedade da peça é também distinta daquela que paira sobre outras representações corporais calcolíticas, nomeadamente nos idoliformes em pedra, osso ou marfim, que ao longo do III milénio a.C. se vão desdobrando em tipologias (v.g., “ídolos” cilíndricos, falange, Almerienses, naturalistas, etc.). Nesses predomina uma aparente nudez dos corpos (mormente assexuada), onde apenas um número restrito – tendencialmente mais tardio – apresenta objetos representados ou adicionados.

Mas nem por isso a singeleza da figurinha de Porto Torrão oferece uma representação do corpo menos codificada quanto à sua função primária ou mesmo quanto ao seu significado. Esses, triviais ou mais complexos, quotidianos ou excepcionais, permanecem para nós desconhecidos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARNAUD, José Morais (1993) – O povoado calcolítico de Porto Torrão (Ferreira do Alentejo): síntese das investigações realizadas. *Vipasca*, 2. Aljustrel, pp. 41-60.

ROCHA, Miguel; REBELO, Paulo; SANTOS, Raquel; NETO, Nuno (2011) – Contextos e objetos simbólico-religiosos do Porto Torrão: os ídolos e as placas de xisto, *Actas das IV Jornadas de Jovens em Investigação Arqueológica, Promontoria Monográfica 16*, Universidade do Algarve, Faro, pp. 399-406.

SANTOS, Ana Amor (2020) – *Em busca de “body worlds”: representação (e evocação) do corpo humano em objetos pré e proto-históricos da Península Ibérica*. Dissertação de Mestrado em Arqueologia e Território, Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra.

SANTOS, Ana Amor (2025) – *Em busca de “body worlds”: representação (e evocação) do corpo humano em objetos pré e proto-históricos da Península Ibérica*. Monografias AAP, n.º 16. Associação dos Arqueólogos Portugueses, Lisboa. ISBN 978-989-35672-1-0. Edição bilingue.

Disponível em:
https://www.museuarqueologicodocarmo.pt/publicacoes/monografias/monografia_16/Monografia16 AAP-versdigit.pdf

SANTOS, Raquel; REBELO, Paulo; NETO, Nuno; VIEIRA, Ana; REBUJE, João; RODRIGUES, Filipa; CARVALHO, António Faustino (2014) – Intervenção arqueológica em Porto Torrão, Ferreira do Alentejo (2008-2010): resultados preliminares e programa de estudos, *4.º Colóquio de Arqueologia do Alqueva. Memórias d’Odiva*, 14. Beja: EDIA, pp. 83-95.

VALERA, António Carlos (2013) – Cronologia absoluta dos Fossos 1 e 2 do Porto Torrão e o problema da datação das estruturas negativas “tipo fosso”, *Era Arqueologia Aparentamentos*, 9, Lisboa, ERA Arqueologia, pp. 7-11.

Disponível em:
<https://www.era-arqueologia.pt/publicacoes/14>

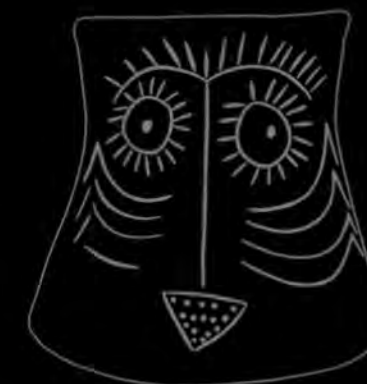
VALERA, António Carlos e FILIPE, Iola (2004) – O povoado do Porto Torrão (Ferreira do Alentejo): novos dados e novas problemáticas no contexto da calcolitização do Sudoeste peninsular, *Era Arqueologia*, 6, Lisboa, ERA Arqueologia/Colibri, pp. 28-61.

Disponível em:
https://www.era-arqueologia.pt/pdfs/pub21_98.pdf

AAP

MONOGRAFIAS

16



EM BUSCA DE “BODY WORLDS”: REPRESENTAÇÃO (E EVOCÇÃO) DO CORPO HUMANO EM OBJETOS PRÉ E PROTO-HISTÓRICOS DA PENÍNSULA IBÉRICA
IN SEARCH OF ‘BODY WORLDS’: THE REPRESENTATION (AND EVOCATION) OF THE HUMAN BODY IN PRE- AND PROTOHISTORIC OBJECTS FROM THE IBERIAN PENINSULA

Ana Amor Santos

AAP
ASSOCIAÇÃO
DOS ARQUEÓLOGOS
PORTUGUESES

Para saber mais sobre a temática, consulte a publicação *Em busca de “Body worlds”*, disponível [aqui](#).



***À beira do Mondego
plantado: O vasinho
Proto-Histórico da
Ereira (Montemor-o-
Velho)***

Flávio Imperial | Câmara Municipal de Montemor-o-Velho |
fimp_3@hotmail.com | Sara Almeida | CEAACP -
Universidade de Coimbra | sara_almeida11@hotmail.com

Não raras vezes, surpreendem-nos vestígios arqueológicos inesperados. A sua natureza inusitada, ou mesmo insólita, obriga-nos a traçar cenários simultaneamente ousados, frágeis e forçosamente especulativos. É esse o caso da peça que aqui se apresenta, encontrada em 2006, por um dos signatários (F.I.), no decurso do acompanhamento arqueológico do desmantelamento de uma eira sobranceira ao cemitério da aldeia da Ereira, no coração do Baixo-Mondego.

Neste contexto concreto, a paisagem é mais do que um detalhe. É a chave para formular uma interpretação plausível da descoberta. De natureza estuarina, esta unidade geográfica é extremamente dinâmica e sofreu profundas transformações ao longo do Quaternário e particularmente nos últimos três mil anos. O estudo da paleopaisagem do I milénio a.C. revela um estuário mais amplo e aberto, ainda que sujeito a um estrangulamento natural em Reveles – zona estrategicamente controlada pela elevação da Senhora do Ò – desaguando num vasto mar interior. Este espaço oferecia condições propícias de abrigo à navegação marítima e fluvial, bem como ao estabelecimento de redes de trocas e contactos, naturalmente secundadas, na I Idade do Ferro pela criação de enclaves de carácter mercantil e colonial (Fig. 1).

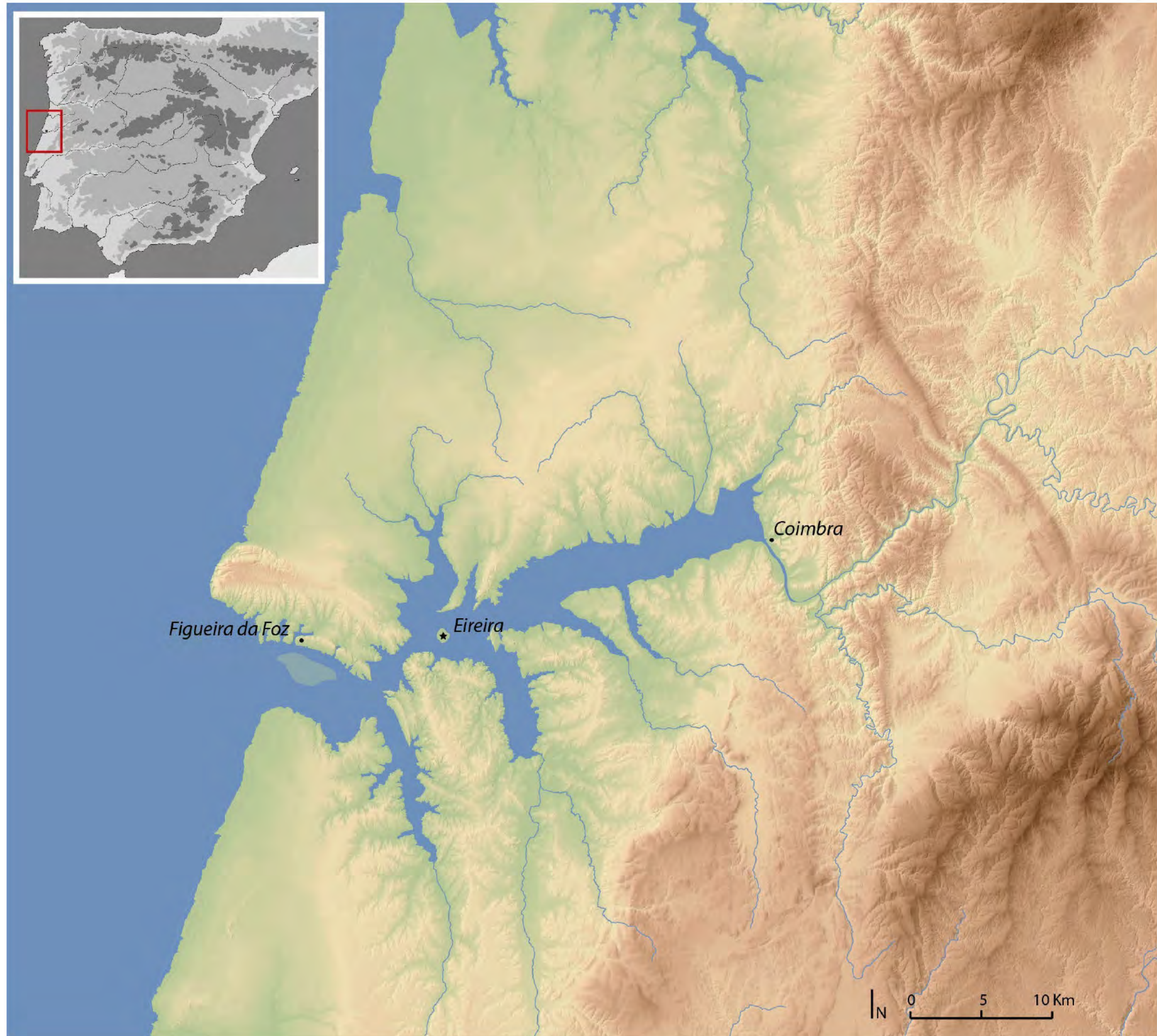


Fig. 1 – Localização da ilha da Ereira no estuário do Mondego no I milénio a.C. (imagem realizada por Pietro Mack em QGis).



Fig. 2 – Imagem de satélite de 2015 (fonte *Google Earth*) com localização do local do achado (estrela), da Ereira (1), Santa Olaia (2), Igreja da Senhora do Ó (3) e Montemor-o-Velho (4).

Durante o período proto-histórico, as margens deste corpo de água eram pontuadas por estações arqueológicas de grande relevância. Do Bronze-Final destaca-se, pela proximidade, a ocupação ainda mal conhecida de Montemor-o-Velho (Coffyn 1985), enquanto da Idade do Ferro sobressai o emblemático estabelecimento fenício de Santa Olaia (síntese bibliográfica em Almeida e Vilaça 2020). No centro desta bacia emergia então uma ilha, baixa e aplanada, que assinalava a primeira etapa de penetração do rio (Wachsmann *et al.* 2009). A fossilização desta antiga insularidade é ainda hoje perceptível, envolvida pelos actuais campos de cultivo de arroz do Mondego (Fig. 2).

O ponto onde se registou o achado situa-se precisamente na margem noroeste do antigo ilhote, na linha de entrada do curso fluvial, a uma cota de 14 metros de altura e a cerca de 15 metros da antiga linha de costa.

Sob uma laje da eira foi identificado, fragmentado, um pequeno vaso em cerâmica manual de boa qualidade, com superfícies polidas. Apresenta 8,4 cm de altura, 8 cm de abertura e 9,7 cm de largura máxima (Fig. 3). As suas características morfo-tecnológicas permitem situá-lo, com razoável probabilidade, nos finais da Idade do Bronze, sem excluir por completo uma possível atribuição à I Idade do Ferro.

Não se encontraram quaisquer outros vestígios arqueológicos nas imediações, o que justifica a classificação da peça como achado isolado – uma ocorrência inédita nesta região. A generalidade dos depósitos arqueológicos de finais da Idade do Bronze, conhecidos neste território e não associados a povoados ou necrópoles, envolve artefactos metálicos (tais como machados, pontas de lança, foices, entre outros), frequentemente encontrados em conexão com linhas de água (Vilaça 2008). Desconhecem-se, contudo, deposições análogas envolvendo exclusivamente cerâmica nesta região.

Na ausência de indícios que permitam associar o artefacto a contexto habitacional ou funerário – o que seria mais comum –

a hipótese de se tratar de uma deposição de carácter votivo surge como a principal via interpretativa.

A natureza liminar do achado (próxima da linha de água), localizado numa antiga ilha sem outros vestígios de ocupação contemporânea, no trajecto de penetração do rio, sob o olhar dominante da elevação da Senhora do Ó, e a escassos 1, 5 Km de Santa Olaia e 2, 5 Km de Montemor-o-Velho reforçam esta leitura. Dadas as circunstâncias, pode conceber-se a ilha da Ereira como uma unidade de paisagem singular e dotada de valor simbólico no universo das comunidades proto-históricas do Baixo Mondego: um espaço de transição, de contacto e de passagem, propício à consagração de votos e oferendas.

Este pequeno ilhote, isolado e estrategicamente situado, poderá assim ter funcionado como antecâmara de contactos e interacções, no cumprimento de protocolos rituais partilhados e expectáveis para esta época, assinalando a passagem de quem chega buscando favor e protecção... e de quem parte buscando bons auspícios.



0 1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 11 12 13 14 15 16 17 18 19 20 21 22 23 24 25 26 27 28 29 30 31 32 33 34 35 36 37 38 39 40 41 42 43 44 45 46 47 48 49 50 51 52 53 54 55 56 57 58 59 60 61 62 63 64 65 66 67 68 69 70 71 72 73 74 75 76 77 78 79 80 81 82 83 84 85 86 87 88 89 90 91 92 93 94 95 96 97 98 99 100 cm

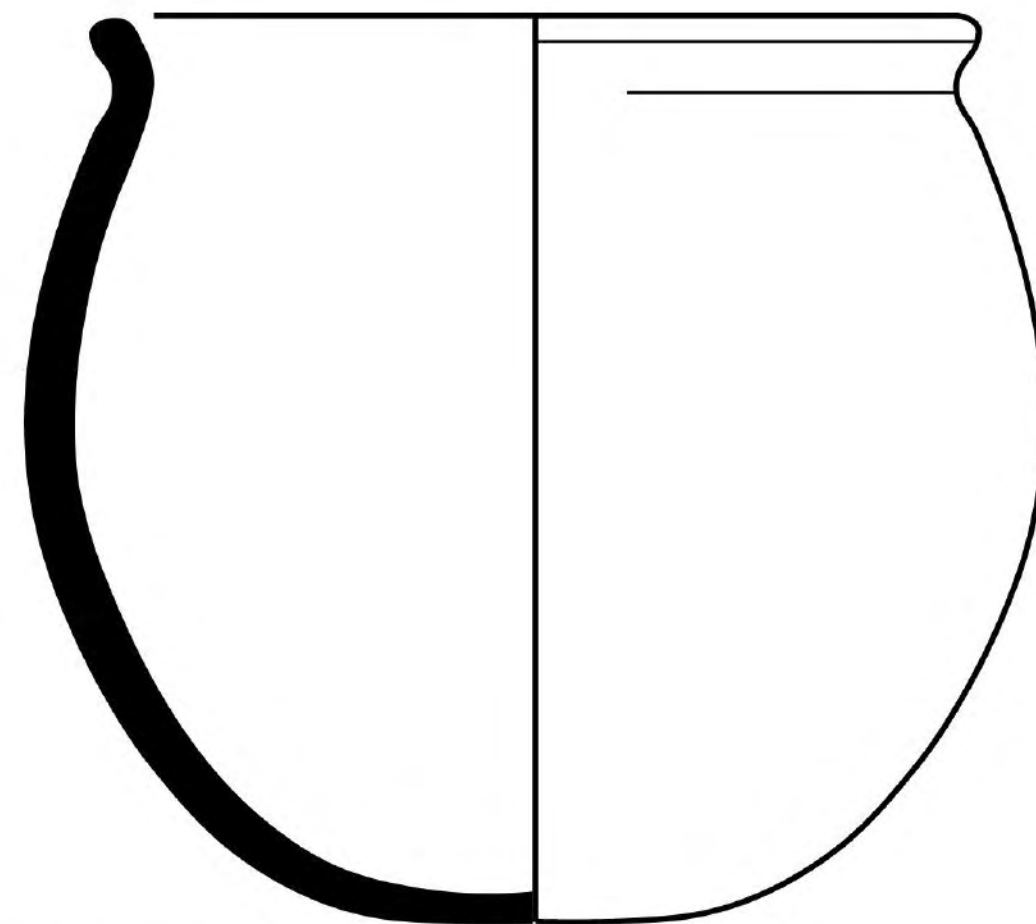


Fig. 3 – Fotografia e desenho do vaso.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, S., VILAÇA, R. (2020). Santa Olaia – a centre of Phoenician influence in River Mondego (Portugal). Assessment and expectations. In S. Celestino Pérez e E. Rodríguez González (eds.) *Un viaje entre el Oriente y el Occidente del Mediterráneo. Actas del IX Congreso Internacional de Estudios Fenicios y Púnicos (Mérida, 2018)*. Mytra 5. Mérida. pp. 1495-1504.

COFFYN, A. (1985). *Le Bronze Final Atlantique dans la Peninsula Ibérique*. Paris : Diffusion de Boccard.

VILAÇA, R. (2008). No rasto do Bronze Final do Centro-Sul da Beira Litoral: artefactos metálicos e seus contextos. In Callapez, P. M. (ed.) *A terra: conflitos e ordem: homenagem ao Professor Ferreira Soares*. Coimbra: Museu Mineralógico e Geológico da Universidade de Coimbra, pp. 75-88.

WACHSMANN, S.; DUNN, R.K.; HALE, J.R.; HOHLFELDER, R.L.; CONYERS, L.B.; ERNENWEIN, E. G.; SHEETS, P.; BLOT, M.L.P.; CASTRO, F.; DAVIS, D. (2009). Paleo-environmental contexts of Phoenician anchorages, Portugal. *The International Journal of Nautical Archaeology*. 38 (2): 221-253.





50LAYERS

50 camadas de uma revolução

Sérgio Gomes | CEAACP - Universidade de Coimbra | sergiogomes@uc.pt | Cristina Gameiro | UNIARQ | gameiro.cristina@gmail.com | Teresa Silva | Investigadora independente | teresasilva72@gmail.com

Apresentação: problemáticas de pesquisa, equipa e apelo à participação

Que mudanças trouxe o 25 de Abril de 1974 à Arqueologia portuguesa? De que forma as transformações na prática arqueológica ao longo dos últimos 50 anos estão relacionadas com a evolução do regime democrático? Como pode a Arqueologia contribuir ativamente para a consolidação das liberdades, da justiça social e de uma comunidade mais plural? O 50LAYERS centra-se nestas questões, propondo-se promover um debate sobre o papel da arqueologia enquanto ciência e prática social, e convidando à reflexão sobre as continuidades e ruturas que atravessam a disciplina desde 1974.

Apresentado no concurso "O 25 de Abril e a democracia portuguesa", promovido pela Fundação para a Ciência e a Tecnologia (FCT) e a Estrutura de Missão para as Comemorações do quinquagésimo aniversário da Revolução de 25 de Abril de 1974, o projeto 50LAYERS – 50 camadas de uma revolução: a Arqueologia Pré-histórica depois do 25 de abril de 1974 (2023.10940.25ABR) – encontra-se sediado na UNIARQ, contando com a parceria do CEAACP e do CITCEM. A equipa integra doze investigadores/as e cinco consultores/as

de quatro Universidades (FLUP, FLUC, FLUL e FCHS-UALG), do Museu do Côa e do Museu Nacional de Arqueologia. É um grupo que reúne diferentes gerações: desde quem cresceu na década de 1980, com memória viva das mudanças trazidas por Abril, até investigadores/as que nasceram já em democracia. A par disto, as atividades que propomos são abertas à comunidade, sendo a participação dos diferentes profissionais de arqueologia um pilar fundamental no seu desenvolvimento. Com efeito, ainda que centrado na arqueologia pré-histórica, aborda questões que são transversais a todas as áreas de pesquisa.

O 50LAYERS é, como veremos nas atividades que pretendemos desenvolver, um projeto aberto à colaboração de todos/as, procurando promover um diálogo entre o passado e o presente, a ciência e a cidadania, e tantas outras camadas com que diariamente fazemos arqueologia. As imagens que acompanham este texto são o reflexo desta abertura do projeto à participação da comunidade. Agradecemos à Teresa Silva a partilha das suas fotografias relativas às inúmeras atividades realizadas por um grupo de alunos de arqueologia da FLUP – a Pró-Associação Côa Vivo – no âmbito da luta pela defesa da preservação das gravuras.







(Página anterior) Cordão humano nas Pedreiras do Poio, realizado durante o “Mega-Acampamento”, em Foz Côa, nos dias 10 a 12 de abril de 1995.

A construção de uma barragem ameaçava destruir as recém-descobertas “gravuras do Côa”, um singular conjunto de arte rupestre ao ar livre, do período paleolítico. A imprensa noticiava o “escândalo”, investigadores defendiam o seu enorme valor científico. Em fevereiro de 1995 os estudantes da Faculdade de Letras da Universidade do Porto juntavam-se a esta causa. De uma reunião para discutir o assunto, nasce um grupo informal, o “Côa Vivo” que, entre outras iniciativas, organizaram este acampamento, em conjunto com a direção e associação de estudantes da Escola Secundária de Foz Côa, com Associação de Preservação das Gravuras Rupestres e com Associação Olho Vivo. Nele se juntaram cerca de 2000 estudantes de todo o país (do secundário e universitários) defendendo a paragem da construção da barragem e a criação de um parque arqueológico. Os jovens acreditavam que a preservação das gravuras rupestres constituía uma oportunidade de desenvolvimento local e regional muito maior que a construção de uma barragem.



Parecia uma luta impossível de ganhar: a barragem já estava a ser construída, a população de Foz Côa batia-se em discussões ferozes, que opunham os mais jovens a grande parte dos adultos, uns pelas gravuras e outros pela barragem; o país dividia-se também entre os defensores do “progresso” e os defensores do património. Dizia-se que esta barragem era um ponto chave para a concretização de um oculto plano hidrológico nacional, que havia grandes interesses na sua construção e, na política, a questão opunha direita e esquerda. Em fevereiro, o então Presidente da República, Mário Soares, havia visitado as gravuras, assumindo-se como um simpatizante, enquanto o governo do PSD, liderado por Cavaco Silva, não considerava suspender a construção da barragem. Surgiam declarações públicas e notícias que causavam indignação e instigavam à luta: um reconhecido homem da cultura do nosso país afirmava que as gravuras eram uns “gratujos horrendos”, o então Secretário de Estado da Cultura dizia que pareciam “desenhos feitos por crianças”, sugeria-se cortar as gravuras e colocá-las num museu, estudos encomendados pela EDP concluíam que as gravuras tinham apenas centenas de anos...



(Página anterior)

Vaca em chamas em teatro de rua organizado em Foz Côa durante o mega-acampamento. Liderado pelo encenador Luís Cruz, um grupo de teatro congregando jovens de várias escolas preparou um espetáculo de rua, inserido num conjunto de atividades do “mega-acampamento” que incluía ainda um concerto onde atuaram gratuitamente vários artistas e bandas, entre os quais, os Cosmic City Blues ou os Black Company, cujo título do seu principal êxito tinha dado origem ao slogan “As Gravuras Não Sabem Nadar”.

A tensão que se sentia na população local e no país marcou intensamente esses dias de acampamento. A organização temia o boicote, falava-se até na possibilidade de ocorrerem atentados à bomba e, à cautela, o poste de abastecimento elétrico ao concerto foi vigiado toda a noite.

Atividades: Ciência de dados, IA, workshops, inquérito e exposição

O projeto estrutura-se em três conjuntos de atividades. O primeiro consiste na aplicação de técnicas de ciência de dados à análise de narrativas escritas em arqueologia pré-histórica. O objetivo é identificar padrões discursivos partilhados por diferentes autores e questionar o seu significado político e epistemológico, procurando compreender continuidades e ruturas entre os períodos da ditadura e da democracia. O segundo centra-se na realização de quatro workshops temáticos, dedicados a tópicos centrais da prática arqueológica contemporânea: educação, igualdade de género, descolonização e perspetivas de futuro. Estes encontros são oportunidades de reflexão crítica e partilha, reunindo a comunidade arqueológica em torno de desafios que dizem respeito a todos/as profissionais de arqueologia.

O terceiro conjunto de atividades tem como objetivo a realização de uma exposição integrada nas comemorações dos 50 anos da Revolução de Abril. Esta exposição irá reunir 50 objetos que evocam, de forma simbólica a relação entre Arqueologia e Democracia. Mais do que destacar grandes descobertas científicas, pretende-se dar visibilidade a experiências, memórias e práticas do dia-a-dia que refletem a convergência entre os ideais de abril e a liberdade de fazer arqueologia.

A seleção dos objetos será feita a partir de um processo participativo aberto à comunidade arqueológica, que assenta num inquérito composto por duas partes. A primeira parte recolhe informação sobre o modo como arqueólogas e arqueólogos reconhecem e integram a dimensão política da sua atividade profissional. A segunda parte do inquérito convida cada participante a propor um objeto que represente, do seu ponto de vista, uma ligação significativa entre Arqueologia e Democracia. Este objeto pode ser uma peça arqueológica, um utensílio de trabalho, uma fotografia, um livro, um documento... qualquer elemento que invoque uma experiência, um momento de mudança, uma luta ou uma convicção que relacione, à escala pessoal, a prática arqueológica e a liberdade. Todas as propostas integrarão um catálogo digital, que funcionará como um arquivo da pluralidade de olhares e percursos dentro da Arqueologia portuguesa dos dias de hoje. Deste conjunto será feita a seleção dos 50 objetos que integrarão a exposição.





PAREM A BARRAGEM DO GOA, JAI

(Página anterior)

Colocação de uma faixa da Ponte D. Luís, no Porto, com a mensagem “Parem a Barragem do Côa. Já!”, em outubro de 1995, iniciativa conjunta do “Côa Vivo” de Letras, “Capuchinho Vermelho” de Belas-Artes e “Dínamo” de Ciências.

Esta foi a última ação dos estudantes universitários do Porto, na altura em que já se esperava a suspensão da barragem. Encerrava um ano de luta que, para além das manifestações e acampamento no Côa, incluiu a redação de cartas e comunicados, a participação em debates, a tomada de posição em assembleias gerais de alunos e encontros nacionais de estudantes, a participação “intrusiva” no cortejo das Queima das Fitas com distribuição de panfletos e uma barragem em pano, a colocação de uma faixa na Serra do Pilar, na noite de S. João, com o santo a dar com o martelo na barragem, entre outras ações cuja organização enchia os dias dessa primavera, verão e outono de 1995. Ao mesmo tempo que participava na organização dessas ações, a autora destas fotografias registava, a preto e branco, alguns desses momentos. Atualmente, estas imagens que são uma amostra dos registos efetuados, fazem parte do arquivo do Côa Vivo que, em 2006, foi doado ao Museu do Côa.

Esta luta por um bem cultural, inédita na história da democracia portuguesa, teve um final feliz, quando em janeiro de 1996 o recém-empossado governo de António Guterres tomou formalmente a decisão de suspender a construção de uma barragem cujo paredão já se encontrava brutalmente entrosado na paisagem.

Esta luta correspondeu a uma enorme mobilização que envolveu toda a sociedade portuguesa, incluindo estudantes de todo o país, investigadores, gente da cultura, políticos e jornalistas... Inverteu a decisão de construção de uma grande obra pública que teria submergido o maior conjunto de arte rupestre paleolítica ao ar livre do mundo. Pouco tempo depois classificado como Património Mundial, reconhecido por toda a comunidade científica, este conjunto patrimonial revelou-se, ao longo das últimas décadas de investigação, extraordinariamente mais extenso e complexo do que esses “ativistas do património” podiam imaginar.

Esta luta criou memórias e aprendizagens que jamais seriam esquecidas por estes jovens, ajudou a preservar um património único no mundo e alterou definitivamente o rumo da arqueologia e da proteção do património em Portugal.

Nota Final

O 50LAYERS é um projeto de memória e de construção coletiva. As atividades previstas têm com objetivo promover uma arqueologia mais consciente do seu papel na sociedade. Através da articulação entre investigação, debate e participação

aberta à comunidade profissional, queremos dar a compreender a prática arqueológica como espaço onde se entrecruzam ciência, cidadania e ética.





Anastasia Ax & Lars Siltberg. *EXILE*. Museu de Arte Contemporânea de Serralves, 19 de Setembro de 2015.



territórios da arte



Reliquiae. Significado, materialidade e espacialidade das relíquias

Maria José Goulão | Faculdade de Belas Artes da Universidade do Porto - CEAACP | mmachado@fba.up.pt

As relíquias (do latim *reliquiae*, "restos", fragmentos, ou coisas perdidas ou destruídas), são os despojos materiais deixados por um santo ou uma personagem sagrada ao abandonar o mundo terreno; podem ser partes do seu corpo, objectos pessoais, ou coisas que, segundo os crentes, foram santificadas através do contacto com o santo. São preservados para efeitos de veneração, no âmbito de um culto religioso, encontrando-se normalmente associados a uma lenda ou história religiosa.

Sendo objectos inanimados, fazem parte de um sistema de crenças organizado e desempenham a função de transmitir ou comunicar poderes mágicos, já que estabelecem a ligação entre o mundo terreno e o mundo sobrenatural (Capelão, 2022: 20-22). Constituem, para os crentes, uma realidade física, material, e um sinal, um *sacramentum* de uma realidade invisível (Lobrichon, 1999: 98). A sua existência responde a uma necessidade marcada ou a uma tendência profunda de vida religiosa, dado que este fenómeno se manifesta espontaneamente no seio de sociedades muito diversas, algumas mesmo anti-religiosas. Por exemplo, o regime comunista soviético, manifestamente ateu, conservou com todo o cuidado o corpo mumificado de Lenine no Kremlin, num relicário de vidro em tudo semelhante aos dos santos do Cristianismo, e organizavam-se peregrinações de todos os cantos da ex-União Soviética para o venerarem. O mausoléu que o contém mantém-se aberto ao público.

A crença no poder mágico das relíquias existia já na tradição greco-romana, e a introdução do culto dos santos e das suas relíquias em contexto cristão representou provavelmente uma sobrevivência do costume pagão do culto aos heróis que se praticava nas cidades gregas da Antiguidade (Capelão, 2022: 45-46). Acreditava-se que o *palladium*, uma estátua de Palas-Atena, caída do céu e recuperada pelo fundador mítico da cidade de Troia, tornava inexpugnável o território que a tivesse em seu poder. Mais tarde, *palladium* passa a designar qualquer objecto sagrado ou simbólico cuja posse e culto uniam o grupo do ponto de vista religioso, preservando-o das ameaças exteriores. De igual modo, qualquer ataque às relíquias é entendido como uma ameaça ao grupo social ou ao corpo político. Assim sucede com as relíquias de S. Marcos, em Veneza, que são não só o emblema da cidade, mas igualmente as protectoras do território, dado que esta figura é o seu santo patrono. Da mesma maneira, o desaparecimento de um pelo da barba de Maomé do santuário de Srinagar, em 1963, mergulhou no caos o território de Caxemira. Também a destruição recente, através de um ataque terrorista, da cúpula da mesquita de Samarra, no Iraque, onde é suposto conservar-se as relíquias do iman Ali, visava atingir o cerne da identidade xiita.

Um dos aspectos mais significativos do culto das relíquias é a crença universalmente espalhada de que os poderes taumatúrgicos se prolongam não só nos objectos que estão ou estiveram em contacto com as personagens sagradas, mas especialmente nos seus ossos e nas suas vestes. Um milagre descrito no Evangelho segundo S. Lucas (VIII, 43-44), refere-se ao facto de, em vida de Jesus, bastar o contacto com as suas roupagens para obter o benefício da cura. As relíquias adquirem especial importância no domínio corporal, permitindo protecção contra as doenças e epidemias e ajuda na manutenção e restabelecimento da saúde. O uso das relíquias nos processos de cura é uma constante, e as suas capacidades terapêuticas relacionam-se directamente com as mutilações sofridas pelos santos (Capelão, 2022: 67).

Na religião cristã, as relíquias são os corpos, ou algum fragmento deles, da Virgem Maria e dos santos, e os objectos de que se serviram em vida ou que se tornaram sagrados pelo contacto directo com estes personagens ou com Cristo, como por exemplo os instrumentos da Paixão. Foram procuradas febrilmente desde épocas recuadas, e incluídas entre os tesouros mais preciosos, porque se acreditava que garantiam determinadas ajudas, intercessões e protecções. Para terem este poder de intermediação e de intercessão face ao divino, as relíquias tinham de ser autenticadas, isto é, reconhecidas pelas autoridades religiosas, e estar encerradas em relicários fechados e selados (Gouveia, 2001: 120).

A forma mais primitiva de relicário cristão é a cápsula (do latim *capsa*, cofre, caixa), que apresentava analogias com o sarcófago primitivo contendo o corpo integral do santo. Podemos afirmar que os primeiros relicários foram os próprios túmulos dos mártires cristãos, visto que os seus corpos constituíram as primeiras relíquias do Cristianismo (séc. II d. C.).

O termo *reliquiae*, no seu sentido moderno de “o que sobra” de um corpo santo, é empregado pela primeira vez por Santo Agostinho. A prática de desmembrar um corpo morto era inicialmente proibida no Ocidente, mas terá sido finalmente adoptada no início da Idade Média, como já acontecia no Oriente, para preservar os corpos santos e evitar as profanações selvagens. Esta autêntica “fome de relíquias”, que correspondia à necessidade de um contacto mais próximo com os restos mortais dos santos, levou a práticas extremas como a divisão de relíquias em fragmentos minúsculos, e mesmo a episódios grotescos: em 1231, no enterro de Isabel da Hungria, a multidão de devotos cortou e rasgou roupa, cabelos e unhas do cadáver da santa, e no ano mil os camponeses da Úmbria tentaram matar o eremita São Romualdo, para se apoderarem dos seus ossos. Este culto excessivo é objecto de troça nalguns contos do *Decameron* de Boccaccio, obra do séc. XIV (Capelão, 2022: 69-70).



Fig. 1 - *Cofre-relicário*, Lombardia, finais do séc. VII. Museu de Cluny, Paris. © Musée de Cluny. <https://www.musee-moyenage.fr/collection/oeuvre/chasse-reliquaire.html>

A fragmentação do corpo dos santos é considerada necessária, dado que a consagração de uma igreja devia ser acompanhada da inclusão de relíquias no altar (Kaplan, 1999: 24). O facto de a mesa do altar conter as relíquias sobre as quais se celebra o sacrifício eucarístico exprime o vínculo essencial entre os santos e Cristo, e mais precisamente entre os seus corpos e o corpo de Cristo (Schmitt, 1999: 149).

Visto que a multiplicação das relíquias e a sua fragmentação até ao infinito, até ao estado de poeira, não diminuía a sua eficácia, desde cedo que se tornou necessário o uso de receptáculos destinados a albergá-las, a conservá-las e a tomá-las móveis: estes objectos, que as mostram e escondem, as designam e as recobrem, receberam, por analogia, a designação de *capsae* (Recht, 1999: 112), como já referido. O valor das relíquias é com eles confundido, ao ponto de não ser raro que, nos furta sacra (ou furtos piedosos) haja apropriação dos relicários, deixando-se para trás as relíquias abandonadas e separadas do seu invólucro (Fabre, 2022: 9).

Os relicários servem para proteger as relíquias da corrupção e da sujidade; para as relíquias mais preciosas, usou-se inicialmente a madeira, abandonada progressivamente em favor dos metais preciosos. Servem igualmente para garantir a autenticidade e integridade. É por esse motivo que são as mais das vezes selados, e frequentemente munidos de cartas atestando a sua autenticidade, redigidas e assinadas por um bispo.

De início, as relíquias eram conservadas nas criptas subterrâneas, sob os altares das igrejas, mas a partir do século XII são expostas quer sobre o altar, quer numa tribuna de ostensão, quer nos relicários portáteis. Estes eram usados também para serem exibidos aos fiéis aquando de digressões destinadas à colecta de fundos. Outra função do relicário, assegurada pelos seus ornamentos preciosos e matérias-primas de valor, era manifestar o prestígio do santo do qual continha os despojos, bem como a glória e a importância da comunidade que era suposto proteger. Ao mesmo tempo, funcionava como uma forma de aforramento, já que, em caso de crise, o metal que o constituía podia ser fundido.

Dado que eram objectos de ourivesaria, os relicários conservavam-se no tesouro das igrejas, juntamente com outras peças deste teor, como os cálices. Os relicários tinham também como função comemorar a generosidade dos doadores que haviam financiado a elaboração ou o enriquecimento destes objectos. Com efeito, a memória do doador podia ser transposta para o relicário através da figuração do seu brasão, do seu santo patrono ou de uma inscrição.

A ideia de tornar a visão de Deus mais acessível a um grande número de crentes, seja no quadro institucional da Igreja, onde o culto das imagens já tinha um papel preponderante, seja no âmbito da devoção privada, constituiu uma das evoluções mais sensíveis do período gótico (Camille, 1996: 105). Segundo o pensamento medieval, todos os bens terrenos reenviavam para o sobrenatural; o olhar dos fiéis era assim convidado a atravessar a opacidade aparente das coisas materiais, para atingir as verdades da fé através da contemplação dos objectos sagrados (Recht, 1999: 135). A nova percepção do divino na arte gótica é antes de mais marcada pelo sentimento da sua ausência. Tendo ascendido aos céus, Cristo não deixara atrás de si um cadáver, nem qualquer vestígio corporal que os fiéis pudessem venerar. Assim sendo, os objectos associados à sua morte, como a Cruz, tornam-se potentes símbolos do Cristianismo (Camille, 1996: 103). Apesar de não haver relíquias corpóreas de Cristo, havia relíquias por contacto, a começar pelas da Verdadeira Cruz. A madeira da cruz é mesmo a relíquia cristã mais disseminada desde os primeiros séculos do Cristianismo. O mesmo se aplica aos panejamentos e invólucros que tinham tocado o corpo ou o rosto de Cristo, em vida ou depois de morto, e que conservavam a sua impressão, considerada o protótipo de qualquer imagem do Salvador: é o caso da Verónica ou *Vera Icona*, o véu que a santa mulher do mesmo nome teria oferecido a Cristo para limpar a face (Schmitt, 1999: 147).

Enquanto que no império cristão do Oriente a teologia se centra na imagem, atribuindo ao ícone poderes reservados à divindade, no Ocidente, pelo contrário, só as relíquias são passíveis de serem veneradas do mesmo modo que Deus, pois acredita-se que, enquanto as imagens servem para tornar visível o ausente, as relíquias encarnam a própria presença divina (Camille, 1996: 103).

No Ocidente, as relíquias foram desde muito cedo objecto de estratégias espirituais, mas é durante o período gótico que a linha de demarcação entre relíquia e relicário, entre ícone e imagem, começa a diluir-se. Com o passar do tempo, os fragmentos sagrados que constituem as relíquias começam a ser expostos com mais frequência em receptáculos transparentes, ou, pelo contrário, passam a estar rodeados de tanta riqueza que quase se furtam à contemplação dos crentes (Camille, 1996: 104). Se a relíquia autenticada requer um relicário, podemos dizer que é o relicário que “faz a relíquia”. Perante os crentes, do ponto de vista da visualidade, o contentor prevalece sobre o conteúdo, tomando presente o invisível, sob uma forma material. A presença da relíquia é assim mais adivinhada do que visível (Schmitt, 1999: 151, 159).

Durante a Idade Média muito poucos se atreveriam a mostrar cepticismo relativamente à autenticidade de uma relíquia importante. Em 1105, o beneditino Guibert de Nogent critica o culto das relíquias: não nega a sua eficácia, mas refere-se à sua abundância desmesurada e denuncia o comércio a elas associado, produto de uma infecta miracula (Capelão, 2022: 50). Os séculos XI, XII e XIII assistiram a um aumento significativo do número de centros de peregrinação na Europa. Em parte, este facto é consequência das Cruzadas, já que os cruzados e peregrinos que regressavam da Terra Santa traziam com eles relíquias que queriam venerar, mas deve-se também à competição entre regiões e dioceses, que se disputavam entre si para obter os despojos de santos mais importantes. Estes objectos conferiam um estatuto sagrado de maior importância aos locais onde se guardavam, e permitiam gerar recursos significativos (Sekules, 2001: 15-17).

Dado que a Terra Santa só esteve nas mãos dos cristãos do Ocidente entre 1099 e 1187, e como tal nunca foi conquistada com sucesso e de forma permanente, o que aconteceu foi o processo inverso: a “conquista” do Ocidente europeu e da cristandade ocidental por Jerusalém, sob a forma da disseminação das suas relíquias e das instituições e monumentos concebidos para as honrar e venerar. Uma relíquia importante conferia a um local uma santidade garantida. Por

outro lado, o sistema de indulgências garantia aos peregrinos que visitavam sítios sagrados o perdão das suas faltas. Jerusalém, o mais importante mas também o mais inatingível dos locais de peregrinação, podia ser estrategicamente replicado de forma a tornar-se mais inteligível. Mais prosaicamente, o movimento das relíquias permitia que a santidade extrema se disseminasse por centros de importância regional, de maneira que os peregrinos não tivessem de fazer viagens tão longínquas. Através da construção por toda a Europa, pelo menos desde o século VIII, de diversas réplicas da igreja do Santo Sepulcro de Jerusalém e do próprio local de sepultura de Cristo, algumas delas incorporando relíquias da Terra Santa, e todas reproduzindo o poder de associação ao local original, Jerusalém podia estar em todo o lado, de uma forma conceptualmente bastante complexa (Sekules, 2001: 17-19).

A Europa medieval encontrava-se assim colonizada pelas relíquias dos santos; havia uma expectativa pública de milagres cada vez mais espectaculares e de maiores mostras de magnificência. Um dos maiores problemas da exposição das relíquias era o facto de, estando disponíveis para serem vistas, se tornarem vulneráveis ao roubo; e quanto mais fossem vistas, mais familiares se tornavam, logo, menos atraentes para os peregrinos (Sekules, 2001: 79-80).

O culto das relíquias, sem dúvida uma das manifestações mais eloquentes da concepção do sagrado própria do homem medieval, implica a crença na virtude mágica destes despojos. Uma das principais manifestações dos corpos que se tornavam relíquias era a exalação do *myron*, uma mistura de óleo e perfume, com propriedades sobrenaturais (Kaplan, 1999: 35). Na religião cristã, o culto dos santos baseia-se no princípio de que estes são portadores de uma energia particular (este poder miraculoso chamava-se *virtus*), que sobrevive nos restos dos seus próprios corpos, ou em tudo o que possa entrar em contacto com eles; esta energia espalha-se com uma intensidade constante (a presença activa da relíquia designava-se *praesentia*). Estes lugares sagrados (*loca sanctorum*) eram também a expressão da *potentia*, através da qual os santos manifestavam o seu poder de intercessão sob a forma de exorcismos, actos de cura ou execuções (Capelão, 2022: 55).

A exposição pública dos relicários e as peregrinações surgidas à sua volta tinham como finalidade última o “tocar” das relíquias. Para o homem medieval, as relíquias eram como o próprio santo. Havia casos em que as relíquias de santos de uma determinada diocese eram colocadas à volta do altar-mor, por ocasião da consagração da catedral, segundo uma hierarquia específica, de forma a que os santos participassem eles mesmos na cerimónia; as relíquias eram assim tratadas da mesma forma que os próprios santos (Recht, 1999: 112-113).

Num primeiro momento, são absorvidas no culto e nas peregrinações as relíquias das fases primitivas do Cristianismo europeu, resultantes do seu embate com o mundo do Império Romano e com o mundo muçulmano. Predominam as relíquias dos mártires, as mais susceptíveis de provocar milagres: conseguem curas corporais e o afastamento de flagelos como a peste (Gouveia, 2001: 121). A religião necessita de uma memória para se impor, e estas relíquias isoladas participam activamente na formação da memória religiosa da cristandade ocidental.

Até ao século XIII, as relíquias só muito raramente eram expostas, em ocasiões festivas excepcionais. A partir do início do século XIII, incita-se os fiéis a estabelecerem com elas uma maior familiaridade, através de um contacto mais directo. A disposição dos objectos litúrgicos e dos relicários obedecia a uma simetria absoluta, retomada mais tarde nos gabinetes de curiosidades dos séculos XVI-XVII. Segundo os especialistas, este princípio tinha uma função mnemotécnica.

Fig. 2 - Relicário de Sainte Foy de Conques (detalhe da cabeça), França, final do séc. X - início do séc. XI, com acrescentos posteriores. Tesouro de Conques, Igreja abacial de Sainte Foy, Conques. Relicário de Sainte Foy de Conques. © Domínio público



Dado que houve muitos abusos com a exposição das relíquias, a partir do Concílio de Latrão (1215) ordena-se que se evite extraí-las do seu escrínio. Contudo, a necessidade acrescida de visibilidade vai levar à multiplicação dos relicários transparentes ou munidos de aberturas (Recht, 1999: 114). Como receptáculo, actuando como vitrina ou como lupa, emprega-se o cristal de rocha - conhecido desde o período carolíngio, mas cuja produção só se desenvolve a partir dos séculos XII e XIII. No terceiro quartel do século XIII, surgem os relicários com paredes translúcidas que permitem entrever o seu conteúdo. Acreditava-se que as gemas preciosas, entre as quais o cristal de rocha, possuíam propriedades mágicas, para além de desempenharem uma função alegórica: o cristal associava-se ao próprio Cristo, significando igualmente a transformação do mal em bem (Recht, 1999: 114-116). As gemas, o ouro e o cristal de rocha não são matérias inertes: o brilho, os efeitos de cor, a transparência, os veios que atravessam a ametista ou a ágata e parecem imitar as cores do sangue e as estrias da pele humana, dão a estes materiais a aparência de vida. Através do seu brilho, as matérias preciosas manifestam o poder activo das relíquias, que, a partir do interior do relicário, lhes é comunicado (Schmitt, 1999: 152-153).

O carácter eminentemente visual, senão mesmo espectacular, dos relicários é reforçado pela presença de um elemento de grande importância, as micro-arquitecturas góticas, que os transformam num objecto de contemplação. O gosto pelas formas diminutas desenvolve-se de um modo quase vertiginoso, de tal maneira que nalguns destes objectos é difícil perceber a localização das próprias relíquias. É dada a primazia aos valores visuais do objecto de culto (Recht, 1999: 120-121),

desenvolvendo-se o que V. Sekules (2001: 94) designa de “estética da preciosidade”.

A tomada de Constantinopla durante a quarta cruzada, em 1204, e o saque que se seguiu e que levou à importação maciça de relíquias e de ícones, não foram as únicas causas da mudança que se nota na forma dos relicários, mas contribuíram certamente para a encorajar. As relíquias veneradas e os seus proto-relicários tomam-se objecto de uma reactualização e de uma sobre-estetização. A relíquia adquire igualmente um valor histórico mais potente. Separada do corpo ou do objecto santificado, libertada, por conseguinte, da associação física que a ligava primitivamente a um certo volume, a relíquia caracteriza-se pela sua pequena dimensão. Fragmento informe e minúsculo, matéria quase não identificável, só adquire o seu pleno sentido à luz dos textos e da *capsa* que a recolhe. Este invólucro dá origem a toda uma rede de novas associações, para além de servir para definir a identidade da relíquia: de certa forma, o relicário é frequentemente um autêntico programa dogmático da sua iconografia (Recht, 1999: 129).

Assiste-se paulatinamente a uma deslocação da relíquia no interior do relicário: no caso das estatuetas-relicários, a relíquia era colocada primitivamente no interior da própria figura; no século XIII, tornou-se visível geralmente atrás de uma lupa de cristal; no final do século XIV, era colocada sobre a base, servindo apenas de pretexto para a imagem, e não fazendo corpo com ela (Recht, 1999: 131). Os bustos-relicários, os braços-relicários, as pernas-relicários, etc., revestem a forma geral dos membros ou partes do corpo cujos fragmentos conservam.

A existência de tantas relíquias e a sua multiplicação explicam-se devido à necessidade de repartição e difusão destes fragmentos que se tornam responsáveis pela imposição do culto de muitos santos. Nas Igrejas orientais, havia o costume de dividir as relíquias para as repartir por um número acrescido de templos. Nasce o costume das chamadas “relíquias por contacto”. S. Gregório Magno descreve esse processo no séc. VI: não se retirava nada dos corpos; o que se fazia era enviar, num pequeno cofre, um pedaço de tecido que fora colocado em contacto com os corpos sagrados (Gouveia, 2001: 124). É o caso dos *brandea*, tiras de pano colocadas nos túmulos e que, ao serem retiradas, absorviam a sua sacralidade, ou de unguentos ou ampolas de óleo postos em contacto com a sepultura do santo, ou mesmo das plantas que cresciam em seu redor (Gajano, 1999: 262; Freeman, 2011).

Durante a Idade Média e no período de construção das catedrais, o culto das relíquias atingiu o seu auge. Nesta altura, a edificação e manutenção de uma catedral era custeada sobretudo através de donativos da congregação. A importância eclesiástica de uma diocese, bem como a sua capacidade de atrair novos fiéis e peregrinos, estavam muitas vezes dependentes da quantidade e qualidade de relíquias que eram exibidas para veneração. Assim, quando a primeira secção da catedral de Colónia abriu as portas em 1164, foi com todo o orgulho que o arcebispo Reinaldo de Dassel expôs o que se acreditava serem os corpos dos três Reis Magos.

Ossos, pequenos bocados de pano, garrafinhas com água do rio em que Jesus foi baptizado, até saquinhos com o pó do qual Adão foi criado, eram peças comuns nos mercados do século XIII. Em dada altura, chegaram a contabilizar-se cerca de 700 verdadeiros pregos da cruz, o que só por si constituía um facto capaz de abalar o mais crente dos fiéis. Mais tarde, Erasmo de Roterdão haveria de afirmar com ironia que os verdadeiros bocados da cruz todos juntos chegavam para construir um navio. Recentemente, a Igreja Católica encomendou um estudo que revelou que existem quatro milhões de centímetros cúbicos de relíquias da cruz, ainda assim bastante aquém dos 178 milhões necessários para o volume de uma cruz razoável.



Fig. 3 - *Relicário*, Flandres, 1250-1300. Museu Victoria & Albert, Londres. © Victoria & Albert Museum. <https://collections.vam.ac.uk/item/O69108/reliquary-unknown/>

A Igreja Católica definiu a seguinte classificação das relíquias:

As de primeira classe, constituídas por parte do corpo de um santo (ossos, unhas, cabelo, um membro, etc.), ou pelos objectos directamente relacionados com acontecimentos da vida de Cristo (a manjedoura, a cruz, o Santo Sudário, etc.). Tradicionalmente, as relíquias de um mártir são mais cotadas e apreciadas do que as relíquias de outros santos.

As de segunda classe são os objectos pessoais de um santo (roupa, um cajado, etc.) que este possuiu ou usou frequentemente.

Por fim, as de terceira classe incluem pedaços de tecido que tocaram no corpo do santo, ou no relicário onde uma parte do seu corpo está conservada. São, assim, qualquer objecto que tenha tocado em relíquias de primeira ou de segunda classe.

A Igreja católica decretou que é proibido, sob pena de excomunhão, vender, trocar ou exhibir para fins lucrativos relíquias de primeira e segunda classe.

Uma prática contemporânea que diz respeito a uma santa recente, Teresa de Lisieux (1873-1897), canonizada em 1925, é a de, em vez de proceder ao desmembramento tradicional das suas relíquias por vários locais de culto, o que repugna à mentalidade actual, optar pela circulação dos seus restos mortais através do mundo católico (*Wikipédia. Relique*).

É significativo que as partes do corpo de um santo mais directamente relacionadas com os episódios da sua vida se tornem as relíquias mais cobiçadas. Por exemplo, o antebraço de S. Estêvão da Hungria, que foi rei, era especialmente venerado devido ao seu estatuto de governante. A cabeça de um teólogo importante pode tornar-se a sua relíquia principal. A cabeça de S. Tomás de Aquino, de tão apreciada, porque representava o centro do intelecto de um homem excepcional, foi removida do seu cadáver pelos monges da abadia cisterciense de Fossanova, onde faleceu. Para ser possível esta familiaridade com os cadáveres dos santos e mártires, que passava por os desenterrar, trasladar, desmembrar, tocar e até beijar avidamente, foi necessária uma mudança de mentalidade que permitisse abandonar a imagem do corpo em decomposição, que causava horror. Com efeito, o corpo santo é incorrupto, aguardando o dia do Juízo Final e simbolizando o triunfo sobre a aniquilação física: é um corpo que não só não se corrompe, como purifica todo o espaço que o envolve (Capelão, 2022: 51-52). Assim, cada santo continua a viver nos seus restos mortais, e estes conservam, inalterados, os poderes taumatúrgicos adquiridos durante a sua vida (Gajano, 1999: 260).

Os peregrinos viam na compra de relíquias de terceira classe um meio indirecto de trazer o relicário principal consigo de volta a casa, já que durante a Idade Média o conceito de proximidade física ao sagrado (os túmulos de santos ou os seus objectos pessoais) era considerado de extrema importância (Brown, 1981: 89 e segg.).

A ideia de que o cordão umbilical de Jesus Cristo teria sido não só conservado como transmitido através dos tempos não tem, obviamente, qualquer veracidade. No entanto, ao longo dos séculos, vários templos se arrogaram a posse deste objecto, seja em parte seja na íntegra. O interessante caso do Santo Cordão Umbilical de Châlons, França, que foi destruído em 1707 depois de inquirição por ordem do bispo local, constitui uma das raras situações conhecidas em que a hierarquia eclesiástica teve a audácia, seguindo o espírito esclarecido da época iluminista, de ordenar uma peritagem à relíquia em causa, que era contudo muito popular e objecto de grande veneração, e de a mandar destruir de seguida. Esta história é relatada por numerosos autores, entre os quais Voltaire, que elogia o gesto do bispo em várias obras, nomeadamente no seu *Traité sur la Tolérance* (1763).

A Reforma protestante, que se situava nesta tradição crítica, seguindo a via aberta por Calvino no seu Tratado das relíquias (1543), rejeitava a veneração destes objectos sagrados como um desvio imperdoável em relação ao autêntico Cristianismo. Os protestantes opuseram-se violentamente aos cultos das relíquias, não hesitando mesmo, em alguns locais, em destruir os restos venerados de alguns santos. Dessa altura em diante, a tradição só é seguida pelos católicos e pelos ortodoxos.

No século XVI, os católicos procuraram recuperar e preservar as relíquias existentes nas zonas que entretanto haviam caído sob influência protestante. Contra o que defendiam os pregadores protestantes, as relíquias multiplicaram-se, mas já não provocavam milagres nem atraíam a devoção popular, servindo apenas para acentuar o prestígio das instituições religiosas que as possuíam. No Concílio de Trento (25ª sessão, de 1563) reafirma-se a existência do purgatório, o papel das indulgências e o culto dos santos, das imagens e das relíquias, saindo reforçado o seu papel como intercessoras. Os bispos têm a obrigação de elaborar uma lista das relíquias autênticas, que se guardará para sempre nos arquivos episcopais. Procura-se assim impor que a autoridade para consagrar e legitimar relíquias recaia exclusivamente na hierarquia eclesiástica, afastando deste processo a vontade e a credência popular (Capelão, 2022: 284).

A exteriorização da religiosidade que se fez sentir em épocas posteriores ao Concílio de Trento incentivou e consentiu estas práticas. A multiplicação das relíquias aconteceu em muitas igrejas paroquiais, permitindo uma santificação dos templos e capelas. Os Jesuítas tiveram um importante papel nesta acção de multiplicação, sem dúvida impulsionada pelas práticas do coleccionismo desenvolvidas na mesma época (Gouveia, 2001: 122 e 124). A abundância de relíquias vindas do Oriente, da Terra Santa e de Roma acentua-se com a descoberta das catacumbas nesta cidade, por volta de 1578, na origem de um movimento exponencial dos chamados santos *catacumbais* na Europa e nos territórios ultramarinos dos reinos peninsulares: em Portugal continental, entre 1600 e 1660, deram entrada vinte conjuntos de relíquias oriundas de Roma (Capelão, 2022: 78, 81-82).



Fig. 4 - *Pendente-relicário de Santa Catarina*, França, c. 1370-1395. Museu Victoria & Albert, Londres. © Victoria & Albert Museum. <https://collections.vam.ac.uk/item/O109237/reliquary-pendant-unknown/>

O Romantismo do séc. XIX assiste à deslocação do relicário para fora da esfera religiosa: cria-se o hábito de se conservarem várias espécies de relicários contendo recordações familiares ou galantes, como por exemplo medalhões com uma madeixa de cabelo de um ente querido, desaparecido precocemente.

Na cultura contemporânea, costuma usar-se a expressão “reliquias” em sentido metafórico para designar os objectos possuídos e venerados pelos fans de uma vedeta à qual votam um verdadeiro culto, como a camisola usada por um jogador de futebol. Assistimos presentemente ao surgimento de novas variantes dos ícones religiosos: em vida ou depois de mortas, celebridades e figuras públicas como Diana, a princesa de Gales, Elvis Presley, Naomi Campbell ou Michael Jackson são veneradas quase como santos. A imagem religiosa já não se encontra confinada a um espaço sagrado, mas sim disseminada através de concertos de música pop, desfiles de moda, centros comerciais, revistas, internet, filmes e televisão, bem como através dos rituais, modas e comportamentos daí decorrentes. Peças de vestuário como o corpete que pertenceu a Madonna, ou a luva de Michael Jackson, juntamente com esculturas, pinturas, vídeos ou fotografias, foram exibidas em exposições como a que decorreu na Tate Liverpool, entre Outubro de 1999 e Fevereiro de 2000, com o título *Heaven: An Exhibition that will Break Your Heart*, dedicada às imagens que suplementam um vasto inventário de ícones religiosos históricos. Para os curadores destas exposições, os objectos venerados pelos fans adquiriram o estatuto de reliquias contemporâneas.

O *Elvis Memorial Day*, uma festividade anual, é acompanhado de uma verdadeira romagem a *Graceland*, a residência de Elvis Presley. Este cantor tornou-se um verdadeiro ícone devido à ausência de figuras sagradas contemporâneas, mas é verdade que também preenche muitos dos requisitos associados com este papel: era bonito, talentoso, morreu jovem, era muito devoto, e acreditava que conseguia curar os enfermos que assistiam aos seus concertos (*Heaven: An Exhibition*).

Em 2001, em Ramallah, uma exposição denominada *100 Lives* procurou homenagear algumas das vítimas da Intifada, as insurreições dos palestinianos da Cisjordânia contra Israel. Uma fotografia correspondendo a cada um dos desaparecidos era acompanhada de uma relíquia pessoal exposta numa vitrina. Tratava-se de reliquias contemporâneas: uma camisa *Calvin Klein*, uma bola de futebol, um manual escolar, um boné da *Nike*, um crachá com a frase “Love and Peace”, uma luva de boxe, uma T-shirt da marca *United Colours of Benetton*, um *Game Boy*, uma fotografia de casamento, um boné com as palavras “Jerusalém 2000” bordadas. Estes objectos haviam sido escolhidos pelas famílias enlutadas, devido ao significado particular que tinham tido para os mortos. As fotografias, algumas de jovens de 14 ou 15 anos, mostravam adolescentes vulgares, cujas vidas haviam sido prematuramente ceifadas. A exposição era itinerante e destinava-se a percorrer a Faixa Ocidental e Gaza, reforçando a hostilidade palestiniana contra Israel (Cohen, 2001).

Também na arte contemporânea encontramos analogias com o culto medieval das relíquias: a colocação da obra de arte não num relicário, mas no centro de um discurso sobre o próprio objecto; o culto dos heróis, sejam eles santos ou artistas; a substituição da verdadeira “coisa” pelo artefacto que a representa.

As relíquias terão estado na origem da primeira concepção de autenticidade, e mesmo da própria noção de obra de arte. Na Idade Média, o problema da autenticidade não se colocava em relação às obras ou à sua autoria, mas sim aos materiais mais ou menos preciosos que serviam para a sua elaboração. Quanto mais custosa, rara ou exótica fosse a matéria-prima, mais o objecto merecia a designação de arte. As relíquias tinham um estatuto de “coisas únicas e individuais”, o que as tornava sujeitas a numerosas cópias; estas eram realizadas de forma a iludir eventuais verificações. A existência de falsificações impôs às autoridades eclesiásticas uma reflexão de fundo sobre os critérios a adoptar para a certificação das relíquias, traduzida na publicação de regras papais muito estritas. Os milagres e as aparições místicas associados às relíquias eram considerados as provas mais seguras da sua autenticidade, e os relicários, usados para as proteger e exhibir, reforçavam o seu estatuto de coisa única. A autenticação das relíquias, cuja legitimidade cabia aos bispos, era feita mediante uma certificação eclesiástica colocada em bandas de papel ou ilustrações apenas aos receptáculos, e estes documentos (*authenticae*), por sua vez, podiam adquirir

igualmente o estatuto de relíquias de terceira classe. Eram mesmo editados catálogos de relíquias, destinados aos peregrinos. Este culto prefigura certos mecanismos ligados à concepção e validação da obra de arte que só surgirão mais tarde, no Renascimento.

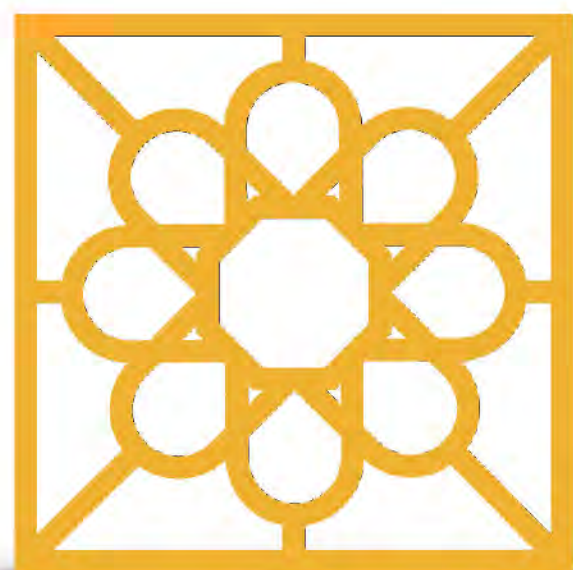
Segundo Thierry Lenain (2004), na contemporaneidade os críticos e os especialistas substituem-se às autoridades eclesiásticas de outros tempos, já que o estudo puramente estético de uma imagem é tão insuficiente para julgar a sua originalidade quanto um milagre para certificar uma relíquia; tanto num caso como no outro, as cópias podem adquirir o carácter “mágico” dos originais. Já no século XII, Gilbert de Nogent considerava supérfluo o culto das relíquias, e afirmava que os santos eram capazes de atender uma prece feita perante qualquer objecto de culto, desde que fosse sincera e sentida. No século XX, serão os próprios artistas a jogar com este conceito de autenticidade, ao declararem, como Marcel Duchamp, que qualquer objecto pode, em última instância, tornar-se o sustentáculo da fé.

Fig. 5 - Anjo-relicário, França, 1440-1500. Museu do Louvre, Paris. © Musée du Louvre. <https://collections.louvre.fr/en/ark:/53355/cl010096660>



REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BROWN, P. (1981). *The Cult of the Saints: Its Rise and Function in Latin Christianity*. Chicago: The University of Chicago Press.
- CANACCINI, F. (2025). *Sacre ossa. Storie di reliquie, santi e pellegrini*. Bari-Roma: Laterza.
- CAMILLE, M. (1996). *Le monde gothique*. Paris: Flammarion.
- CAPELÃO, R. (2022). *El Culto de Relíquias en Portugal en los siglos XVI y XVII: Contexto, Norma, Función y Simbolismo*. Porto: CITCEM e Museu de São Roque/Santa Casa da Misericórdia de Lisboa.
- Catálogo da exposição temporária Relíquias? O projeto reliquiarum* (2022). Lisboa: Centro Editorial - Direcção da Cultura da SCML.
- COHEN, R. (2001). *The Day After Yesterday: Notes from the Dark Side of the Mirror*. Cambridge, Mass.: Harvard University [em linha]. Disponível em: <http://www.nieman.harvard.edu/events/honors/morris/cohen-JAM-2001.html> [Consult. em 23 Fevereiro, 2008].
- FABRE, P.-A. (2022). "Propositions de méthode pour l'étude des «reliques»". In: M. R. Lourenço, coord., *Caderno Relíquias? O projeto reliquiarum - jornada 1*. Lisboa: Centro Editorial - Direcção da Cultura da SCML, pp. 7-12.
- FREEMAN, C. (2011). *Holy Bones, Holy Dust. How Relics Shaped the History of Medieval Europe*. New Haven and London: Yale University Press.
- GAJANO, S. B. (1999). "Reliques et pouvoirs". In: Edina Bozóky e Anne-Marie Helvétius, eds., *Les reliques. Objets, cultes, symboles. Actes du colloque international de l'Université du Littoral-Côte d'Opale (Boulogne-sur-Mer) 4-6 septembre 1997*. Turnhout: Brepols, pp. 255-269.
- GOUVEIA, A. C. (2001). "Relíquias". In: C. M. Azevedo, ed., *Dicionário de história religiosa de Portugal*, vol. P-V, Apêndices. Lisboa: Círculo de Leitores, pp. 120-125.
- HAHN, C. (2017). *The Reliquary Effect: Enshrining the Sacred Object*. London: Reaktion Books.
- Heaven: An Exhibition that will Break Your Heart* [em linha]. Disponível em: <https://www.tate.org.uk/whats-on/tate-liverpool/heaven-exhibition-will-break-your-heart> [Consult. em 11 Julho, 2025].
- Iconoclash – Beyond the Image Wars in Science, Religion, and Art* (2002). Karlsruhe/Cambridge: ZKM – Center for Art and Media/Massachusetts Institute of Technology.
- KAPLAN, M. (1999). "De la dépouille à la relique: formation du culte des saints à Byzance du V^e au XII^e siècle". In: Edina Bozóky e Anne-Marie Helvétius, eds., *Les reliques. Objets, cultes, symboles. Actes du colloque international de l'Université du Littoral-Côte d'Opale (Boulogne-sur-Mer) 4-6 septembre 1997*. Turnhout: Brepols, pp. 20-38.
- LENAIN, T. (2004). *Compte-rendu du colloque "L'artiste et le faux" Auditorium du Louvre - 29-30 avril 2004* [em linha]. Disponível em: http://www.crdp.accreteil.fr/artecole/ressources/colloques/L'artiste_et_le_faux.htm [Consult. em 23 Fevereiro, 2008].
- LOBRICHON, G. (1999). "Le culte des saints, le rire des hérétiques, le triomphe des savants". In: Edina Bozóky e Anne-Marie Helvétius, eds., *Les reliques. Objets, cultes, symboles. Actes du colloque international de l'Université du Littoral-Côte d'Opale (Boulogne-sur-Mer) 4-6 septembre 1997*. Turnhout: Brepols, pp. 95-108.
- LOURENÇO, M. R. (coord.) (2022). *Caderno Relíquias? O projeto reliquiarum - jornada 1*. Lisboa: Centro Editorial - Direcção da Cultura da SCML.
- RECHT, R. (1999). *Le croire et le voir. L'art des cathédrales (XII^e-XV^e siècle)*. Paris: Gallimard.
- SCHMITT, J.-C. (1999). "Les reliques et les images". In: Edina Bozóky e Anne-Marie Helvétius, eds., *Les reliques. Objets, cultes, symboles. Actes du colloque international de l'Université du Littoral-Côte d'Opale (Boulogne-sur-Mer) 4-6 septembre 1997*. Turnhout: Brepols, pp. 146-167.
- SEKULES, V. (2001). *Medieval Art*. Oxford: Oxford University Press.
- Wikipédia. Relique* [em linha]. Disponível em: <http://fr.wikipedia.org/wiki/Relique> [Consult. em 11 Julho, 2025].



CON
VEN
TOS

**Projeto CONVENTUS:
Novos olhares sobre o
edifício do antigo
Convento de São José
em Lagoa**

Catarina Almeida Marado | CES-UC - CEAACP -
Universidade do Algarve | FCHS - Universidade do Algarve |
acmarado@gmail.com Lorena Sancho Querol | CES -
Universidade de Coimbra | lorenaquerol@gmail.com

O projeto CONVENTUS apresenta novos olhares inclusivos e plurais sobre o edifício do antigo Convento de São José de Lagoa-Algarve, aplicando uma abordagem diacrónica ao estudo da sua história, arquitetura, impactos urbanos e interações sociais ao longo dos seus mais de três séculos de existência, que se desenvolve a partir do conceito de investigação ação participativa.

Com mais de três séculos de existência, este imóvel, que foi fundado como casa religiosa feminina, adquiriu posteriormente a função de colégio. Após a sua secularização, acolheu uma diversidade de usos, tais como: escola primária, sede do Grupo Nacional de Escutas, matriz de Lagoa, Conservatória do Registo Civil, posto da Guarda Nacional Republicana, Junta de Freguesia de Lagoa, Museu Municipal de Arte, Etnografia e Arqueologia, e diversos serviços camarários, assumindo a partir de 1993 as funções de Centro Cultural, que mantém até aos dias de hoje.



Fig. 1 - Edifício do antigo Convento de São José, Lagoa – atual Centro Cultural Convento de São José (vista geral do mirante e das antigas dependências conventuais). Fonte: Projeto CONVENTUS.



Fig. 2 (à esquerda) - Edifício do antigo Convento de São José, Lagoa – atual Centro Cultural Convento de São José (vista geral do claustro).
Fonte: Projeto CONVENTUS.

Fig. 3 (à direita) - Edifício do antigo Convento de São José, Lagoa – atual Centro Cultural Convento de São José (vista geral da igreja).
Fonte: Projeto CONVENTUS.

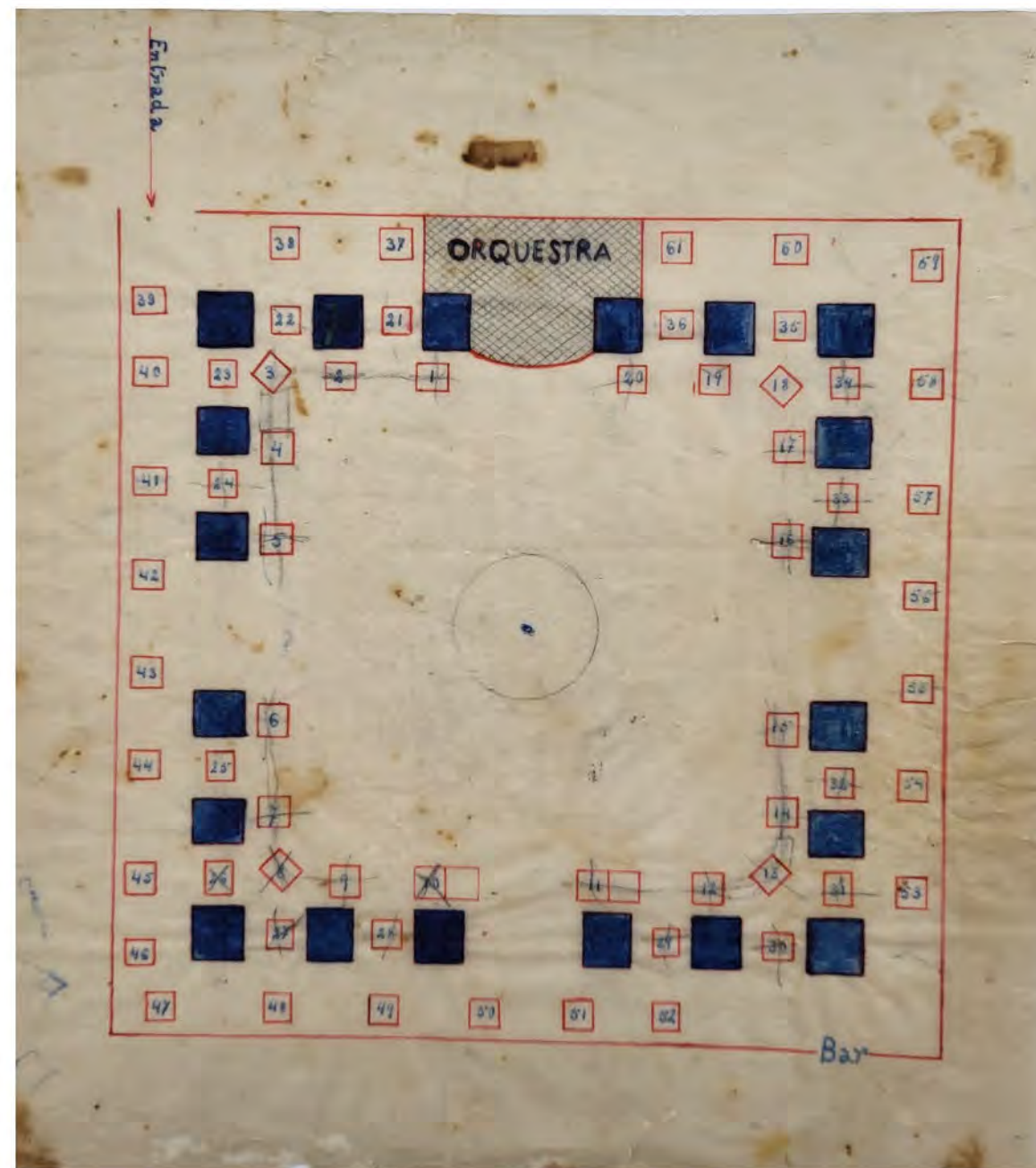
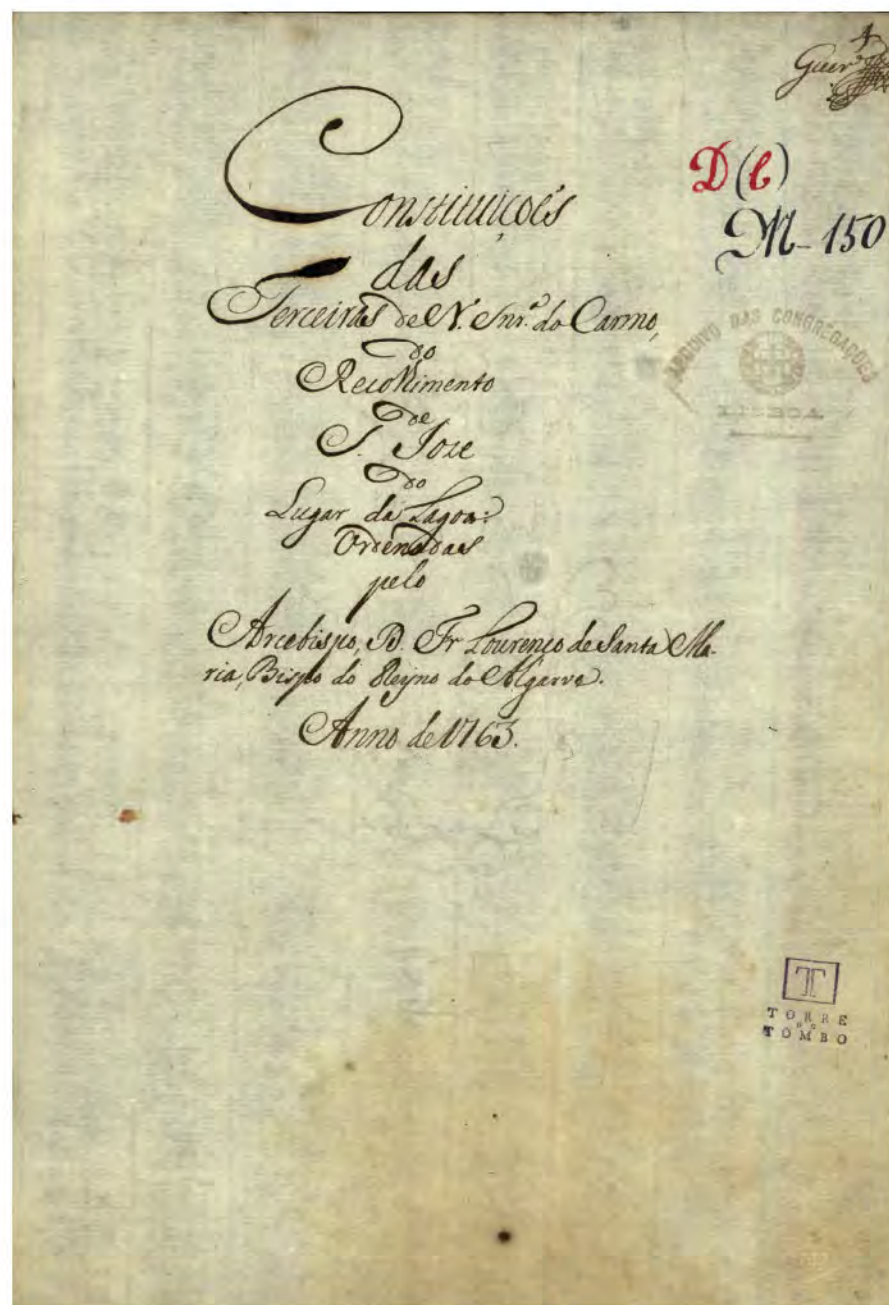
As recentes transformações da dinâmica funcional deste edifício de referência na cidade de Lagoa tornaram necessário repensar as suas valências, promovendo ativamente os seus valores socioculturais e a sua importância no seio da comunidade local enquanto motor de desenvolvimento sociocultural integrado e integrador.

Procurando responder a esta necessidade, o projeto CONVENTUS desenvolve uma investigação integrada, plenamente participativa e multidisciplinar sobre o edifício do antigo Convento de São José, com o objetivo de produzir conteúdos científicos que servirão de base para a definição de um plano museológico de carácter, natureza e anatomia participativa para este imóvel. Simultaneamente organiza um conjunto de atividades e produtos de disseminação do conhecimento gerado, dirigidas à comunidade científica, ao público em geral e à comunidade local em particular.

Paralelamente, o projeto pretende contribuir para o desenvolvimento do conhecimento teórico e metodológico sobre abordagens diacrónicas de tempo longo no estudo da arquitetura e das suas interações históricas, culturais, urbanas e sociais, assim como experimentar, avaliar e produzir conhecimento sobre metodologias e práticas participativas no campo da gestão do património cultural.

Para tal, recorre-se a uma combinação de metodologias que cruzam a investigação histórica e arquitetónica sobre este antigo espaço conventual com a investigação biográfica, mediante a participação ativa, direta e regular da comunidade local, permitindo uma abordagem atenta e plural das suas dimensões materiais e imateriais.

Constituído por uma equipa multidisciplinar que agrega diferentes saberes e experiências, associando investigadoras/es, técnicas/os municipais, membros da comunidade local e consultoras/es científicas/os em resultado de uma parceria entre o Centro de Estudos Sociais - Universidade de Coimbra, o Centro de Estudos em Arqueologia, Artes e Ciências do Património – Polo UAIG e o Município de Lagoa, o projeto CONVENTUS desenvolve-se em três linhas de investigação.



A Linha 1- À *Descoberta da História Escrita* - dedica-se à recolha e análise de dados a partir de fontes bibliográficas e documentais (manuscritas, impressas, gráficas, cartográficas, iconográficas e fotográficas) conjuntamente com a análise arquitetónica do edifício. Partindo de uma revisão da literatura exaustiva, foram em seguida identificados e consultados os fundos documentais relevantes para a investigação localizados em arquivos nacionais, regionais e municipais. Desta recolha

resultou um vasto corpus documental, que foi posteriormente sistematizado numa base de dados, permitindo organizar a informação recolhida segundo diferentes períodos cronológicos. Estes dados foram cruzados com os dados provenientes da interpretação arquitetónica, recorrendo-se a métodos de análise regressiva através do desenho para a identificação do processo de construção e transformação do edifício ao longo do tempo.

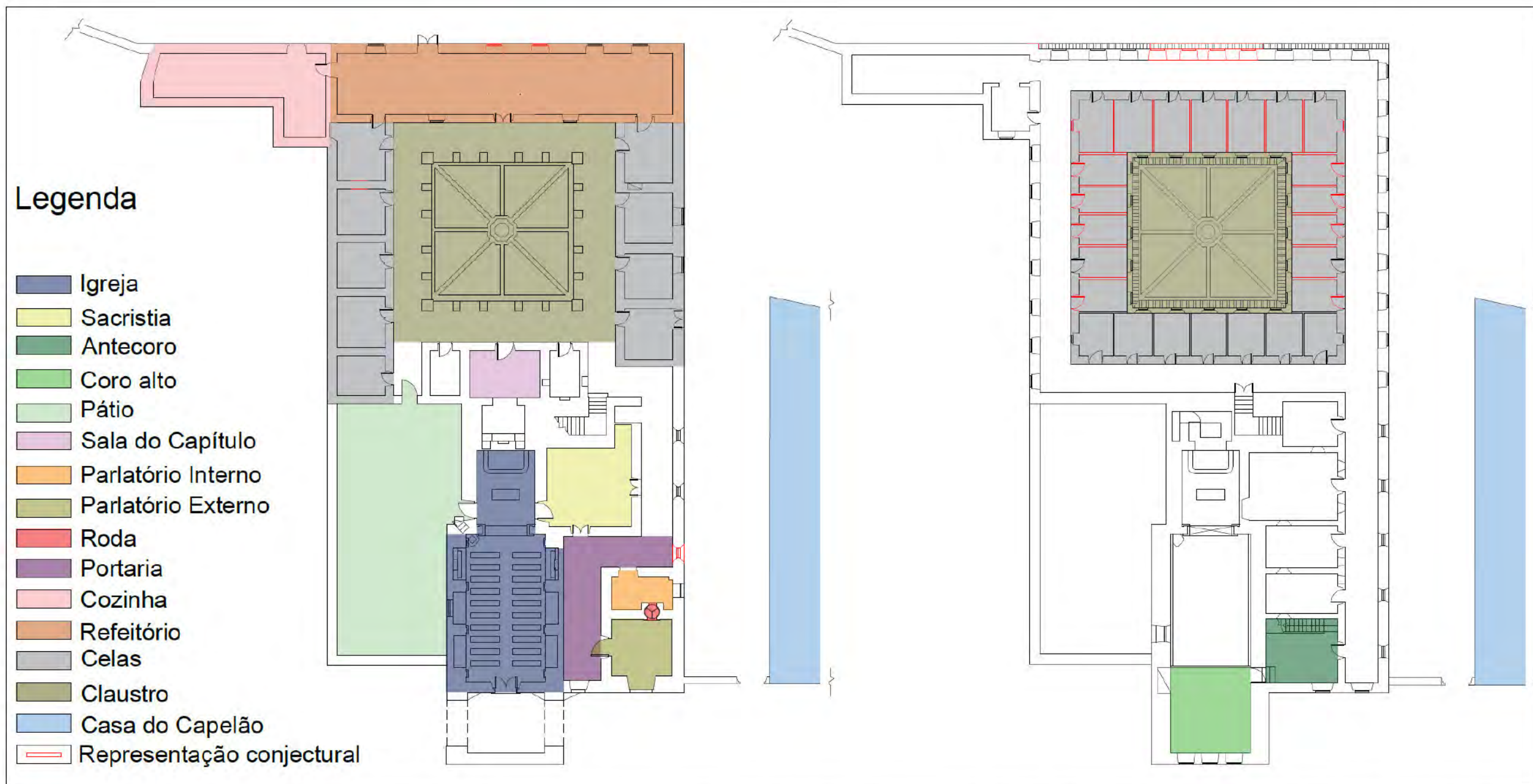


Fig. 4 (página anterior, à esquerda) - *Constituições das Terceiras de N. Sr.ª do Carmo, do Recolhimento de S. José do Lugar de Lagoa ordenadas pelo Arcebispo D. Fr. Lourenço de Santa Maria, Bispo do Algarve, 1763*. Documento que estabeleceu a regra a seguir pelas religiosas que integravam o então Recolhimento de São José definindo todos os aspetos da vida religiosa da comunidade. Fonte: Arquivo Nacional da Torre do Tombo, Arquivo das Congregações, liv. 388.

Fig. 5 (página anterior à direita) - Representação gráfica da proposta apresentada pela Câmara Municipal de Lagoa para a utilização do espaço do claustro como “Recinto de Bailes” que ocorreu entre 1957 e 1961. Documento relativo ao uso do edifício como espaço recreativo consultado no Arquivo Municipal de Lagoa. Fonte: Arquivo Municipal de Lagoa, Bailes Convento S. José, 1 pasta, Processo nº 11-E.

Fig. 6 - Planta do piso 0 e planta do piso 1 do Convento de São José nos séculos XVIII e XIX (com a identificação dos espaços conventuais). Representação gráfica da localização dos diferentes espaços conventuais efetuada em resultado da interpretação arquitetónica do edifício. Desenho elaborado por Tiago Sobral (Projeto CONVENTUS).



Fig. 7 (à direita) - Roda de Conversa 2 - Tema: Memórias da Escola, atividade dinamizada pela equipa CONVENTUS com a participação da comunidade local, realizada a 04 de abril de 2024. Esta atividade procurou recolher memórias do funcionamento da escola primária no edifício do antigo Convento de São José, analisando a transformação e a forma de utilização dos diferentes espaços, as experiências educativas dos/as participantes, os métodos de ensino, o ambiente escolar e o modo como esta contribuiu para a formação de identidades individuais e coletivas. Fonte: Projeto CONVENTUS.

Fig. 8 (à esquerda) - Visita de Escuta Ativa à igreja do Convento de São José, realizada a 15 de março de 2024. Esta atividade foi conduzida por Carlos Soares, artista plástico responsável pelo restauro da igreja entre os anos de 1985 e 1992, que descreveu os trabalhos realizados e partilhou um conjunto de memórias ligadas ao processo de intervenção neste espaço. A atividade foi dinamizada pela equipa CONVENTUS e contou com a participação da comunidade local. Fonte: Projeto CONVENTUS.

A Linha 2- *À Descoberta das Memórias Faladas* - foca-se na recolha de dados historiográficos a partir de pesquisa biográfica efetuada por meio da realização de um conjunto de entrevistas semiestruturadas realizadas às pessoas da comunidade local, revelando as memórias e significados atribuídos ao edifício. Complementando esta recolha, foram realizadas duas Visitas de Escuta Ativa e quatro sessões de Rodas de Conversa

dedicadas a tópicos considerados relevantes para a comunidade local. Estas ferramentas proporcionaram um espaço privilegiado para o resgate e partilha de memórias, experiências e saberes locais, permitindo aos/às participantes refletirem em conjunto sobre as vivências pessoais, bem como sobre os processos de transformação social e cultural nos contextos e realidades abordadas.



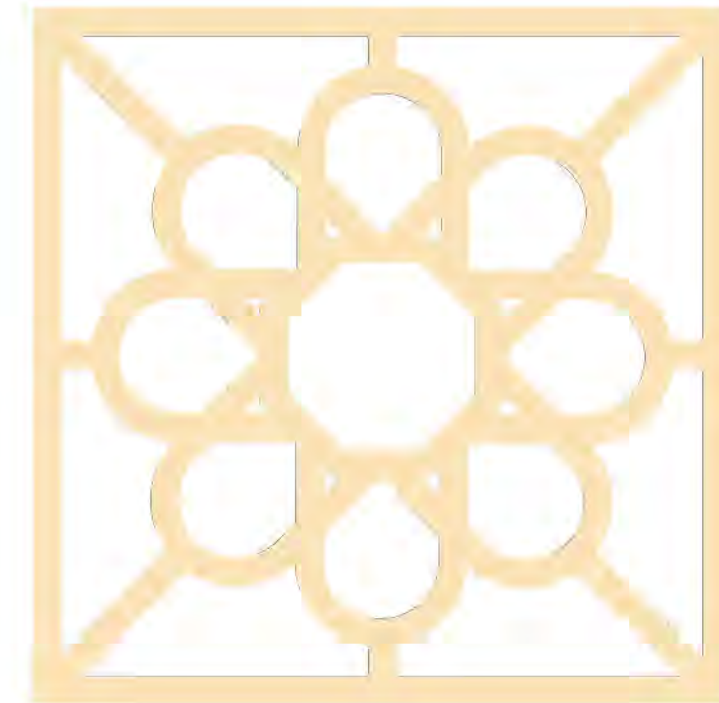
A Linha 3- *Partilhando Experiências em Rede* - pretende criar uma rede cultural ativa multifacetada e multidirecional, estabelecendo pontos de contacto com outros edifícios de natureza semelhante, a nível local, regional, nacional e transnacional, conectando sinergias entre os edifícios, as instituições que os tutelam e as comunidades que os habitam. Procedeu-se ao mapeamento dos antigos edifícios conventuais existentes na Península Ibérica com uso cultural na atualidade e à análise comparativa dos projetos culturais em curso em cada um desses imóveis, estabelecendo as bases para uma análise teórica e metodológica que permitirá repensar a função social e cultural destes edifícios e a forma como podem cooperar, partilhando experiências numa rede alargada de saberes.

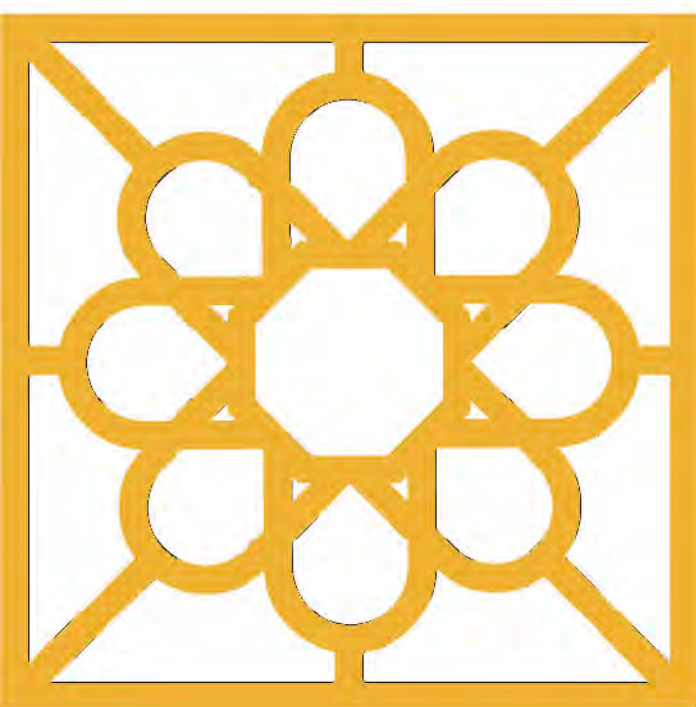


Fig. 9 (na página ao lado) - Seminário Internacional “[Novos olhares sobre a arquitetura e o património conventual feminino / New perspectives on female monastic architecture and heritage](#)”, realizado entre 21 e 22 de novembro de 2024 no Centro Cultural Convento de São José em Lagoa. Este encontro reuniu um amplo e diversificado conjunto de investigadoras/es, técnicas/os e alunas/os de património cultural, procedentes de diversos países europeus, com o objetivo de discutir as mais recentes abordagens ao estudo da arquitetura conventual feminina, incluindo a exploração do conhecimento sobre os novos usos e significados que esta adquiriu ao longo do tempo, tanto antes como depois da extinção das ordens religiosas, mas também os desafios que se colocam hoje à musealização e à gestão deste vasto e rico património. Fonte: Projeto CONVENTUS.

Fig. 10 (em baixo) - Laboratório Colaborativo 2 – Incubadora de laços afetivos no território, realizada a 30 de janeiro de 2025 no Auditório Carlos do Carmo em Lagoa. Integrada num ciclo de quatro laboratórios, esta atividade destinou-se a cartografar coletiva e localmente a realidade sociocultural do Convento de São José ao longo do tempo, os seus potenciais identitários, culturais e patrimoniais, e o seu papel, funções e missão num futuro próximo. A atividade foi dinamizada pela equipa CONVENTUS e contou com a participação da comunidade local. Fonte: Projeto CONVENTUS.

Do projeto CONVENTUS, através do cruzamento das linhas de pesquisa acima apresentadas, resultará um “novo olhar” sobre a história, as transformações arquitetónicas e o papel deste edifício no desenvolvimento urbano de Lagoa e na vida das suas comunidades ao longo do tempo, assim como um polo de articulação e partilha de experiências museológicas em rede ao nível ibérico, com vista ao desenvolvimento de futuros projetos colaborativos no âmbito do património arquitetónico local.





CON VEN TOS

*Novos olhares sobre
o edifício do antigo
Convento de São José
em Lagoa (Algarve-Portugal)*



Os traçados estereotómicos do retábulo dos Valle (Santa Iria, Tomar) de João de Ruão

Carla Alexandra Gonçalves | CEAACP - Universidade de
Coimbra | UAb | carla@uni-ab.pt



O retábulo de calcário dedicado ao Calvário, ou à Crucificação de Cristo, realizado por João de Ruão para o topo da Capela (inicialmente conhecida como a de Jesus) dos Valle, na igreja de Santa Iria, em Tomar, provavelmente entre 1533 e 1536^[1], resultou de uma encomenda feita por D. Miguel do Valle, fidalgo da Casa Real. O encargo certifica-se através da pedra de armas familiar e da inscrição, no entablamento do arco de entrada da capela, onde se regista: *Capela de Miguel do Vale e de seus herdeiros*. A data inscrita no portal da Igreja de Santa Iria (1536) assinala o ano do final das obras quinhentistas de remodelação daquele espaço.

Miguel do Valle foi, a partir de 1521, escrivão da alfândega portuguesa em Ormuz, transitando para Goa, em 1524, onde exerceu o cargo de feitor (Rego, 1949, p. 47; Paiva, 2005, pp. 168-169), por nomeação de Vasco da Gama (Valle de Castro, 2020, p. 31). Desconhecendo-se a data do retorno de Miguel do Valle a Portugal, sabe-se que, em 1534, comprava a Quinta de Santana da Guerreira (Tomar) que ainda permanece à família (ANTT, PT/TT/AVSM). O morgado da Guerreira foi instituído em 1550 por Miguel do Valle e sua mulher, D. Catarina de Magalhães (ANTT, PT/TT/AVSM/0001/000001). Em 1549, D. João III escreve uma carta ao conde de Portalegre (D. Álvaro da

Silva e Menezes) para atribuir a Miguel do Valle a mercê de fidalgo cavaleiro com moradia de mil e duzentos réis e um alqueire de cevada por dia (ANTT, PT/TT/AVSM/0023/00044).

Com os elementos até agora obtidos, não se sabe como Miguel do Valle chegou a João de Ruão, seleccionando-o para a realização do portal e do retábulo da capela de Jesus. Todavia, a fama deste arquitecto-escultor, já durante os anos 30 do século XVI, não o faria passar despercebido. A comprová-lo estão, entre tantas outras obras, os túmulos de Góis (D. Luís da Silveira, 1531) e de Trofa do Vouga (D. Duarte de Lemos, 1534) e, especialmente, as diversas obras encomendadas para Santa Cruz e para a Sé Velha de Coimbra, onde deixaria uma marca substancial, na Porta Especiosa, a mando do Bisco-Condé D. Jorge de Almeida, trabalhos que concebeu durante a mesma década.

[1] O documento da instituição do morgadio de Miguel do Valle e sua mulher regista que a capela de Jesus já estava concluída em 1550-03-23, porque nele se refere o «mosteiro de samta eyria de tomar das freyras homde esta a capella e jaziguo delles jnstituydores». Mais à frente, no mesmo documento, diz-se que: «e asy disseram mais os ditos jnstituydores que toda a pessoa que suçeder e erdar este morguado e falecer em parte que se posa mandar sepultar ou mandar trazer sua osada na capella de Jhesu que elles Jnstituydores fizeram no dito moesteyro de sant eyria para seu jazigo e de seus descendentes sejam obrigados a se mandar sepultar nella e esto mandam e querem que se cumpra para que ande sempre a dita capella bem repairada e os que nella ouverem de sepultar lhe lembrem de nella fazerem e mandarem repairar do que lhe parecer ter neçesydade» (ANTT, Família Sinel de Cordes, cx. 5, mc. 6, doc. não numerado. VINC007990. Publ. por LOPES, Ana Mafalda, DUARTE, Fábio, OLIVEIRA, Maria Teresa (eds.) ROSA, Maria de Lurdes (coord.) (2024). *VINCULUM, A Memória dos Vínculos. Documentos do Projeto VINCULUM ANTOLOGIA DE FONTES*. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, p. 221. <https://doi.org/10.14195/978-989-26-2667-3>

Importa, agora e apenas, atender ao retábulo do Calvário da capela, uma obra uni-edicular onde se representa, num exímio relevo, a crucificação de Cristo ladeado, à esquerda, pelas personagens que costumam acompanhá-lo - a Virgem amparada por São João, duas santas mulheres, Nicodemos, Arimateia e uma figura de perfil, certamente tirada pelo natural, que pode corresponder ao retrato do encomendador, (Fig. 1) - e, à direita, por soldados peões e cavaleiros dispostos em perspectiva a partir de um grupo inicial, tudo desenhado e relevado extraordinariamente. Na base da Cruz está Maria Madalena, acocorada. A edícula encerra-se, de cada um dos lados, por colunas de fuste decorado e, depois delas, a rematar a estrutura, encontram-se duas pilastras relevadas (com delicados *candelabra*), a da esquerda ostenta, sobre uma mísula no topo da composição, o relevo de São Miguel Arcanjo e, a da direita, a figura de Gabriel Arcanjo. Sobre a edícula central corre um entablamento de friso decorado que sustenta o remate concheado, semicircular, do retábulo. Sobre as pilastras laterais sucede o mesmo, sobrepujando-se um entablamento encimado por pequenos lanternins, tão característicos da obra de João de Ruão. A predela é centrada pelo timbre dos Valle, relevando-se, de cada um dos seus lados, belas e refinadas harpias (Fig. 2) com terminações metamorfoseadas. Na predela, no ressaltado que dá forma às bases das colunas, surge um sátiro, à esquerda, e uma sátira à direita (Fig. 3). Estas representações iconográficas, especialmente a feminina, são praticamente únicas, no panorama decorativo congénere, exceptuando-se a sua representação no túmulo de D. Luís da Silveira (Matriz de Góis, 1531), ainda que plasticamente hesitantes, ou *experimentais*.



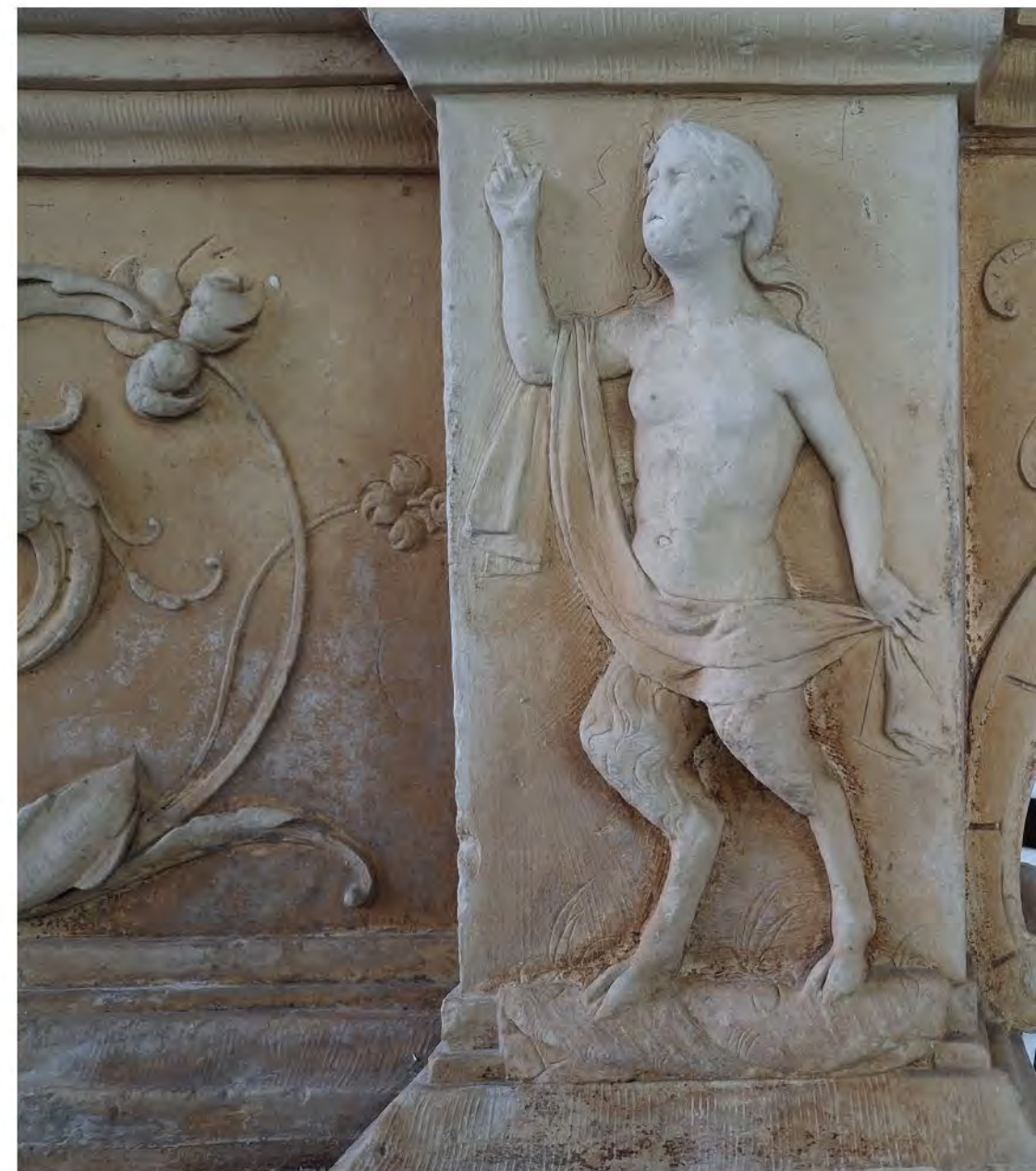


Fig. 1 (página anterior) - João de Ruão, Retábulo da Capela dos Valle, Tomar, c. 1533-1536. Pormenor da edícula central com uma figura masculina, de perfil, tirada pelo natural. C. Gonçalves, 2025.

Fig. 2 (em cima, à esquerda) - João de Ruão, Retábulo da Capela dos Valle, Tomar, c. 1533-1536. Pormenor da predela com a representação da hárpia a segurar o escudo de armas dos Valle. C. Gonçalves, 2025.

Fig. 3 (em cima, à direita) - João de Ruão, Retábulo da Capela dos Valle, Tomar, c. 1533-1536. Pormenor da predela com a representação de uma Sátira. C. Gonçalves, 2025.

O retábulo da capela dos Valle é irrepreensível, tanto no que concerne ao desenho estrutural, quando à qualidade da escultura e dos relevos num *stiacciato* que se desenvolve até ao brevíssimo e quase invisível ressalto, no fundo da edícula central, ou nos *grottesche* que povoam os elementos

arquitectónicos, em vários graus de profundidade. A articulação do retábulo, com um prolongamento das cenas, ou das estruturas arquitectónicas por detrás da face principal, ou nas laterais interiores da edícula central, segue um modelo que João de Ruão usou noutras obras.

O Laboratório de Conservação e Restauro de Materiais Pétreos, a funcionar no Convento de Cristo, no âmbito do Protocolo entre o Convento de Cristo de Tomar e o Instituto Politécnico de Tomar, procede, desde Outubro de 2024, a uma campanha de conservação do retábulo calcário do Calvário da capela dos Valle de Santa Iria (Tomar), desenvolvida por Fernando Costa (IPT) e por técnicos do convento.

O retábulo foi desmontado e retirado da capela, permanecendo nas oficinas do Convento de Cristo para submeter-se a trabalhos de limpeza (superficial, a seco, e imersão em água desionizada). Através da observação da obra desmontada foi possível descobrir um conjunto de traçados estereotómicos (porque a estereometria ultrapassa o corte da pedra para relacionar-se com a montagem estrutural, usando projecções horizontais e verticais para chegar à configuração final da construção) realizados pelo arquitecto que marcou as pedras a régua e compasso, (pelo menos) no topo superior da arquitrave e nos topos superior e inferior da predela, para que os elementos pétreos remanescentes se unissem correctamente nas prumadas do edifício retabular (Figs. 4 e 5).

Dupla página seguinte (Figs. 4 e 5):

Fig. 4 - João de Ruão, Retábulo da Capela dos Valle, Tomar, c. 1533-1536. Riscos estereotómicos no topo superior da arquitrave que indicam e projectam as estruturas que, abaixo, se desenvolvem, particularmente, o traçado da coluna e do espaço ocupado pelos capitéis, bem como o traçado do lanternim. C. Gonçalves, 2025.

Fig. 5 - João de Ruão, Retábulo da Capela dos Valle, Tomar, c. 1533-1536. Desenho no topo da arquitrave que projecta o volume do lanternim lateral que abaixo se estrutura. C. Gonçalves, 2025.





A pertinência deste achado é imensa, desde logo devido à sua extrema raridade, já que os riscos de apoio à montagem não ficam visíveis depois da obra acabada e porque permite aceder ao sistema construtivo do retábulo (Fig. 6). Junte-se a isto o facto de, em Portugal, ainda não circular literatura de suporte para este género de trabalho, durante os anos 30 do século, facto que determina uma ordem de trabalho tradicional e disseminada oficialmente. Estes registos na pedra informam sobre a ideia subjacente ao retábulo e sobre a prática construtiva e de ensamblagem, comprovando o valor da geometria que permite dar corpo a toda a estrutura que se desenvolve através de processos técnicos. As formas, que se exprimem através dos sintagmas arquitectónicos, decorativos e da iconografia retabular, são definidas através da aplicação de um sistema construtivo que atende ao seu resultado global que persegue a *venustas*. Os elementos de pedra lavrada que compõem a estrutura arquitectónica do retábulo investem no todo proporcionado e articulado. A ornamentação retabular não

oculta o desenho arquitectónico, mas estima-o e favorece-o, resultando numa união muito natural equiparável a um sistema biológico (os ossos, as carnes, a pele) equilibrado e harmonioso. Mas a beleza e graciosidade não advêm apenas do seu valor de integração, da sua elegância plástica, da *expertise* escultórica e do aperfeiçoado *stiacciato* mas, e também, do uso dos princípios geométricos que garantem o rigor proporcional e construtivo, no sentido da sua *firmitas*. E o todo surge, aqui, das suas partes, montadas de tal forma que o fazem elevar-se, na sua beleza e graciosidade, mas, e também, de acordo com os seus valores expressivos (a estética a depender da técnica). O corte das pedras lavradas é essencial, como é essencial o modo como elas se juntam rigorosamente para consubstanciar um todo estético e seguro.



Fig. 6 - João de Ruão, Retábulo da Capela dos Valle, Tomar, c. 1533-1536. Desenhos no topo superior da predela que sinalizam os lugares das estruturas acima dela, nomeadamente a coluna e a pilastra, à direita, bem como o espaço ocupado pela edícula central. C. Gonçalves, 2025.



João de Ruão ideou e concebeu este retábulo através do sistema estereotómico, ou seja, composto por peças discretas, inteligentemente cortadas e montadas de forma precisa, unidas através da força da gravidade e de acordo com uma intenção estética muito clara: a coesão e a harmonia do todo. A leveza do trabalho também advém deste processo, guiado, aquando da montagem *in loco*, através de desenhos feitos na pedra que determinam os lugares exactos da sua implantação (Fig. 7). Certamente que além destes desenhos auxiliares haveria outros documentos visuais, referentes ao projecto da obra e que não venceram o tempo (como os modelos tridimensionais e, também, o contrato da obra). Este retábulo, como tantos outros (da mesma, ou de outras equipas de artistas do século XVI), é

um todo edificado que se pensou com o cuidado que uma obra arquitectónica e escultórica necessita, e ilustra os procedimentos usados pelo artista neste e noutros projectos, cujos riscos pétreos se desconhecem, mas que à luz deste achado se anunciam. Atendendo a este exemplo, o ideal seria poder observar os traçados, complexos, nos blocos de pedra do retábulo da Sé da Guarda, ou da *Capela toda-a-pedra do Santíssimo Sacramento* da Sé de Coimbra, para dar exemplos mais radicais de obras íntegras.

Fig. 7 (página anterior) - João de Ruão, Retábulo da Capela dos Valle, Tomar, c. 1533-1536. Desenhos no topo inferior da predela, sob o Sátiro, que projectam a coluna superior do lado esquerdo do retábulo. C. Gonçalves, 2025.

DOCUMENTAÇÃO

ANTT. Arquivo Valle e Sousa de Meneses. Código de ref.^a PT/TT/AVSM.

ANTT. Cópia de instituição do morgado da Guerreira, por Miguel do Valle, fidalgo da Casa Real e Catarina de Magalhães, sua mulher. Arquivo Valle e Sousa de Meneses, cx. 1, n.º 1.

ANTT. Arquivo Valle e Sousa de Meneses, cx. 23, n.º 44.

BIBLIOGRAFIA

DEFILIPPIS, Francesco (2006). The Relation Between the "Construction Apparatus" and the "Decorative Apparatus" of the Cut-Stone Vaults and Domes of Philibert de l'Orme and Andrés de Vandelvira. In: *Proceedings of the Second International Congress on Construction History* [Volume 1]. U.K.: Short Run Press, pp. 951-967.

Disponível em: <https://www.arct.cam.ac.uk/system/files/documents/vol-1-951-968-defilippis.pdf> [última leitura em Junho de 2025].

DELGADO, Ricardo Jorge (2017). *A geometria na estereotomia da pedra na arquitectura religiosa portuguesa entre 1530 e 1580*. Universidade de Lisboa: Faculdade de Belas-Artes [tese doutoramento].

LOPES, Ana Mafalda, DUARTE, Fábio, OLIVEIRA, Maria Teresa (eds.) ROSA, Maria de Lurdes (coord.) (2024). *VINCULUM, A Memória dos Vínculos. Documentos do Projeto VINCULUM ANTOLOGIA DE FONTES*. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra. Doi: <https://doi.org/10.14195/978-989-26-2667-3>

PAIVA, José Pedro (coord.). (2005) *PORTUGALIAE MONUMENTA MISERICORDIARUM. Vol. 4: Crescimento e Consolidação: de D. João III a 1580*. Lisboa: União das Misericórdias Portuguesas.

REGO, António da Silva (1949). *Documentação para a história das missões do padroado português do Oriente*. Índia, vol. 2 (1523-1543). Lisboa: Divisão de publicações e biblioteca, Agência geral das colónias.

VALLE DE CASTRO, Francisco do (2013). A igreja de Santa Iria em Tomar. *Invenire*, n.º 7. Lisboa: Secretariado Nacional para os Bens Culturais da Igreja, pp. 30-32.





Pare, Escute e Olhe | Rua da Piedade, Porto (Maio de 2013). (Foto de Joana Alves-Ferreira)

Quando os muros murmuram
é porque há gente a gritar

traços das
heranças



MUCH Lagos – Maritime and Underwater Cultural Heritage and the evolution of the seascape

Gonçalo C. Lopes | CEAACP - Universidade do Algarve | gnlopes@ualg.pt | Joana Baço | CHAM – Centro de Humanidades, NOVA FCSH-UAc | joanabaco@fcsb.unl.pt

O projeto Maritime & Underwater Cultural Heritage of Lagos – MUCH Lagos é uma iniciativa dedicada ao avanço da investigação científica em Lagos, com foco na arqueologia subaquática, nos estudos históricos e paisagens marítimas.

Este projeto decorre no âmbito de um Contrato individual de Estímulo ao Emprego Científico (CEEC), financiado pela Fundação para a Ciência e a Tecnologia (FCT).

O nosso objetivo é centrar-nos na investigação, conservação, proteção, promoção e valorização do Património Cultural Subaquático (PCS) do concelho de Lagos. Não queremos apenas trabalhar para a comunidade, queremos envolvê-la na preservação do PCS, tornando-a a sua principal guardiã e promotora. Esta iniciativa não se destina exclusivamente às comunidades marítimas de pescadores e mergulhadores, e prova disso é a ideia de selecionar 2 sítios arqueológicos conhecidos e torná-los acessíveis a pessoas não mergulhadoras. Queremos compreender de que forma o PCS pode revelar a evolução de uma paisagem marítima e, para

isso, seguimos as pistas mais relevantes do registo arqueológico: os artefactos em si. Simultaneamente, pretendemos explorar o PCS como catalisador para o crescimento social, económico e cultural. Este projeto está alinhado com as diretrizes e princípios da Convenção da UNESCO de 2001 sobre a Proteção do Património Cultural Subaquático, promovendo a conservação in situ e o acesso público ao PCS, bem como com os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável da UNESCO da agenda 2030.

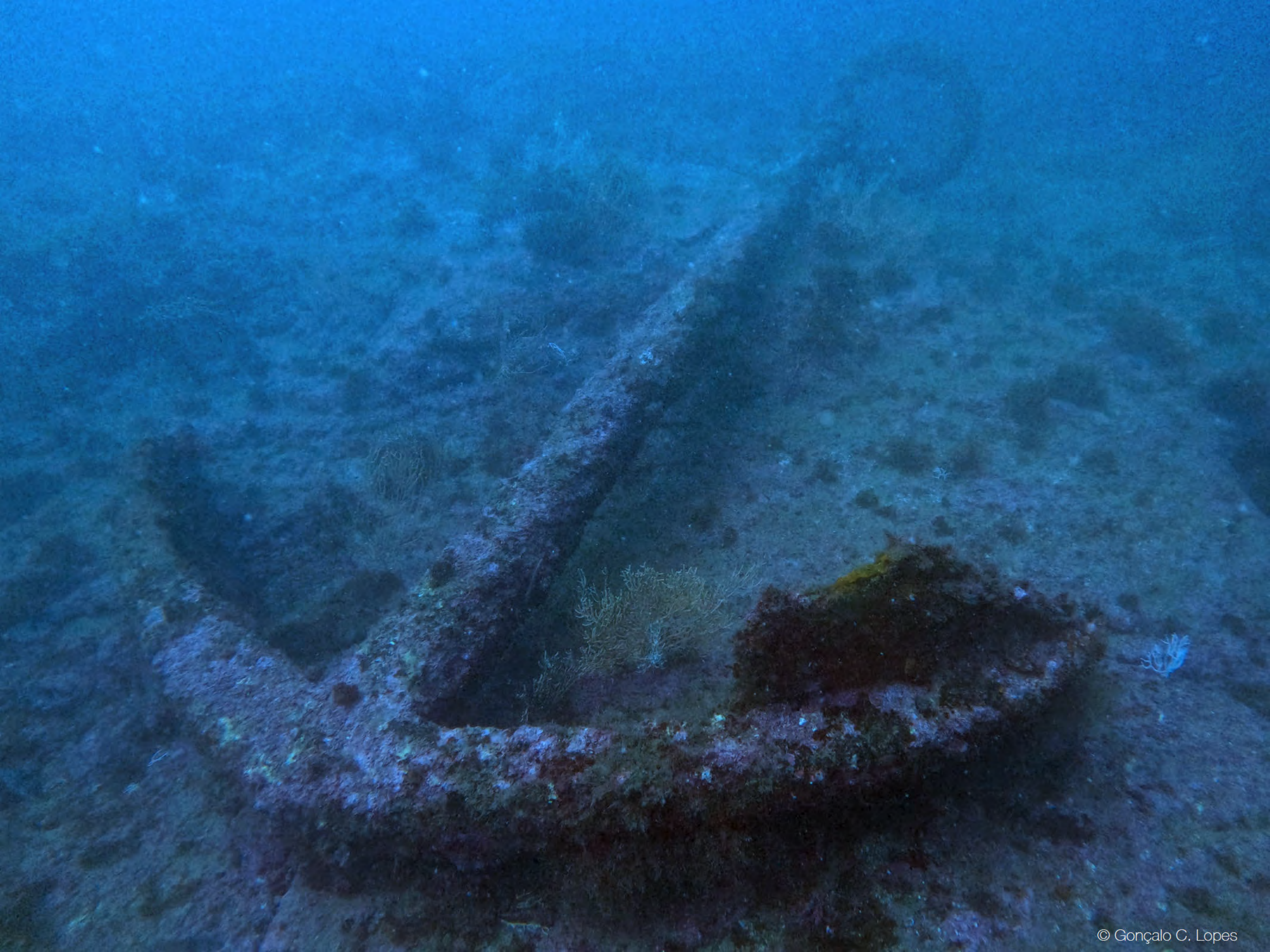




Aproveitando os trabalhos arqueológicos anteriormente realizados em Lagos (Fraga, 2008; Fraga, 2013; Lopes *et al.*, 2024), queremos desenvolvê-los e melhorá-los, essencialmente através de um registo arqueológico e geoposicionamento mais rigorosos. Por agora, e atestados arqueologicamente, são conhecidos sete naufrágios, cujas cronologias se desenvolvem

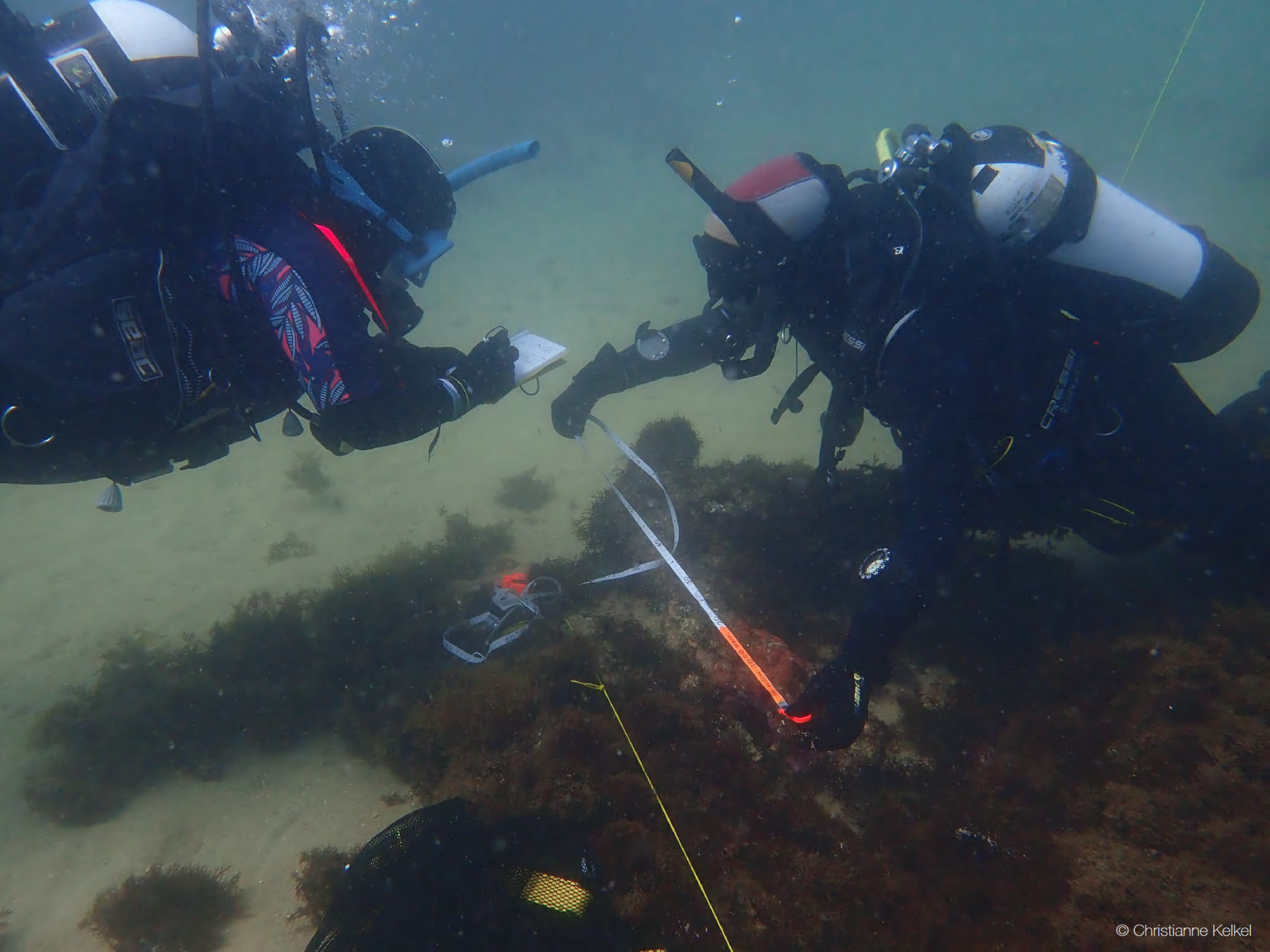
entre os finais do século XVIII e meados do século XX, mas também mais de 150 âncoras de ferro e pedra, além de vestígios de cultura material diversificada – cerâmica, metal, vidro, orgânicos – e diacrónica – desde o período romano até à contemporaneidade.





No esteio de investigações anteriores, mas também já com dados nossos, pretendemos criar dois circuitos subaquáticos, um físico e outro virtual, para o público não mergulhador. Os dados obtidos serão utilizados para produzir conteúdos destinados a cinco mesas interpretativas, que serão instaladas em pontos estratégicos da costa de Lagos, disponibilizando informações sobre o PCS identificado no concelho.

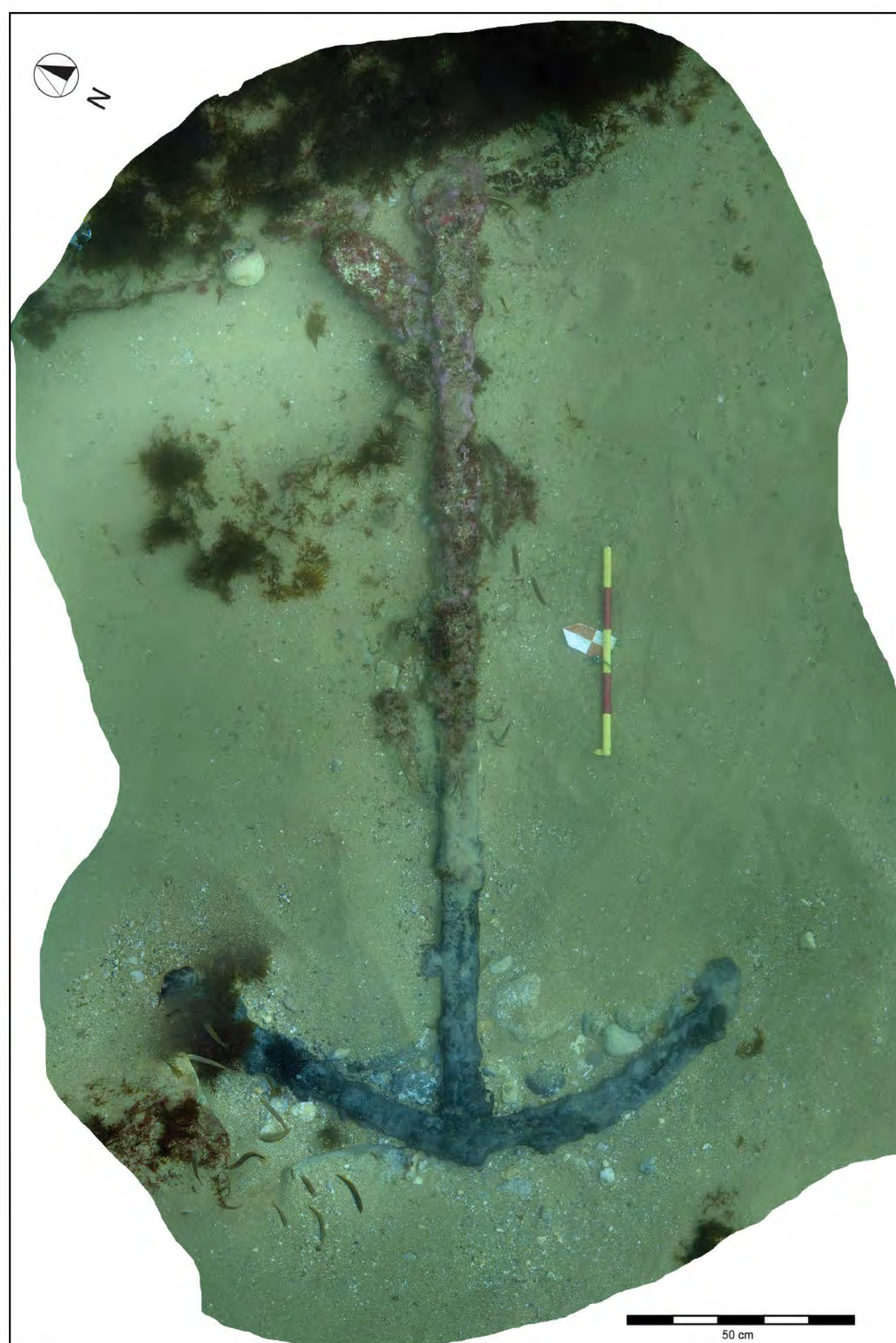
Tendo como pano de fundo o objetivo de compreender de forma abrangente o PCS existente no fundo marinho lacobrigense, mas também nas zonas intertidais, o projeto iniciou-se em agosto de 2024. Para concretizar esta visão, e por enquanto, adotámos uma metodologia não intrusiva, baseada em prospeção visual, em que os artefactos e sítios arqueológicos são limpos superficialmente de forma manual para facilitar o registo. A este propósito, importa mencionar que a costa portuguesa, e sobretudo o Algarve, enfrenta uma grave invasão de algas alóctones, nomeadamente *Rugulopteryx okamurae*, que tem dificultado consideravelmente os trabalhos arqueológicos.





O registo arqueológico baseia-se na fotogrametria, um método rápido, eficaz e economicamente acessível, proporcionando resultados extremamente precisos e informativos. Esta técnica permitiu uma melhor compreensão dos sítios arqueológicos e, em certos casos, dos próprios artefactos, face às condições habituais de visibilidade.

O sistema de posicionamento utilizado recorre a coordenadas obtidas via GPS, à vertical e através de uma boia de patamar lançada a partir do ponto subaquático. Até ao momento, a margem de erro tem-se mantido abaixo dos 3 metros, permitindo relocalizar com sucesso os sítios arqueológicos sempre que necessário. Foram realizados aproximadamente 50 mergulhos em 24 sítios arqueológicos, tendo sido identificadas ou relocalizadas várias âncoras de ferro, mas também de pedra, com uma cronologia que abrange desde o período romano até meados do século XX. Este registo possibilita, até agora, uma caracterização diacrónica da navegação e da utilização do espaço marítimo da baía de Lagos, evidenciando os múltiplos percursos e contactos que a cidade tem testemunhado ao longo de milénios.



Para promover e sensibilizar a população sobre o PCS, desenvolvemos diversas atividades, incluindo a parceria estabelecida com o Centro de Ciência Viva de Lagos, reconhecido pelo seu serviço educativo. De facto, candidatámo-nos ao financiamento SEA-EU Research Seed Fund – Collaborative Research, com o projeto *Blue Voices: communicating maritime archaeology and our shared past through science-based activities*, que assenta na criação de uma maleta pedagógica com materiais didáticos, de forma a promover o PCS das gerações mais novas, em idade escolar, que, afinal, são o futuro, mesmo quando o tema é o passado!



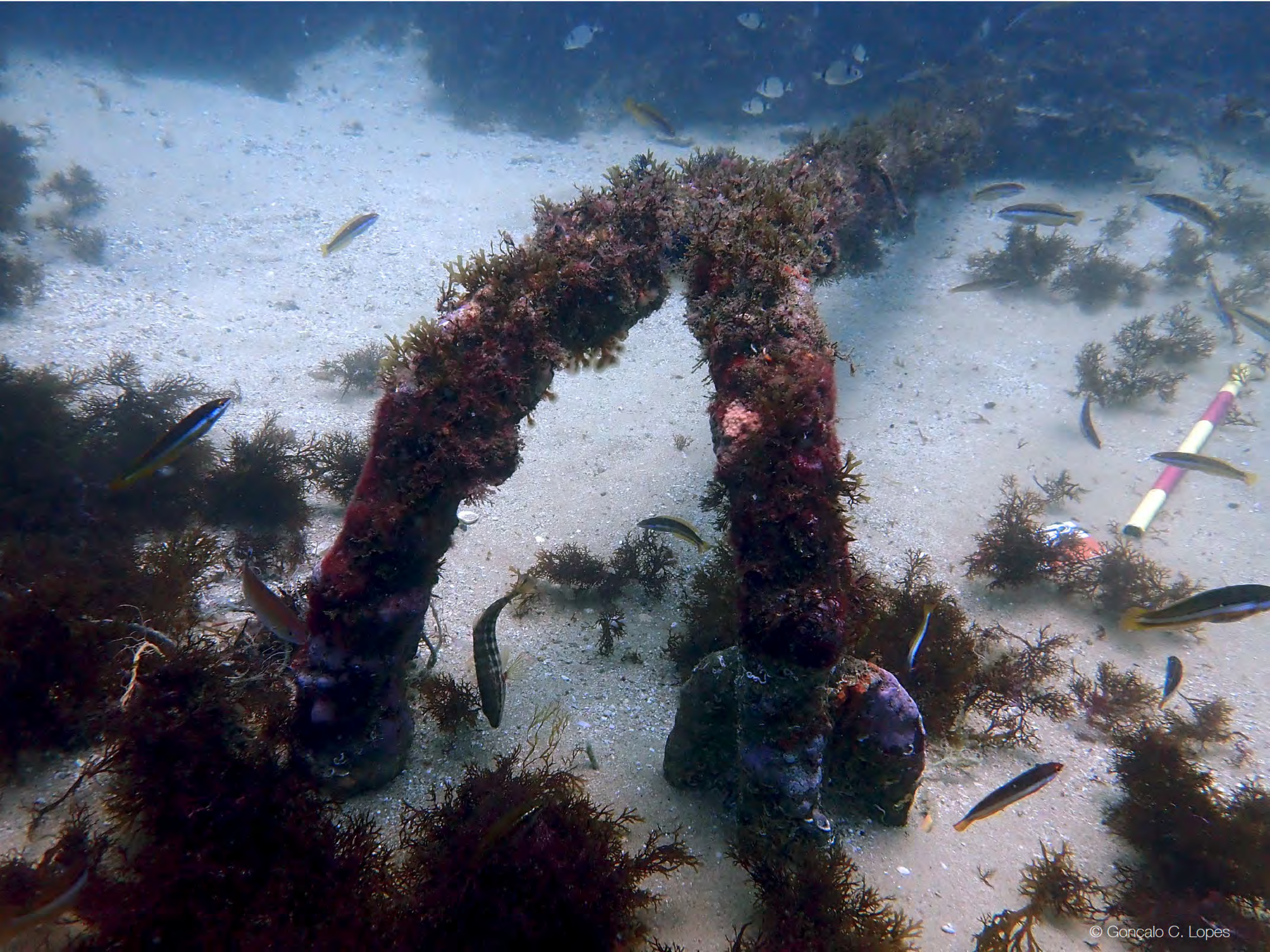


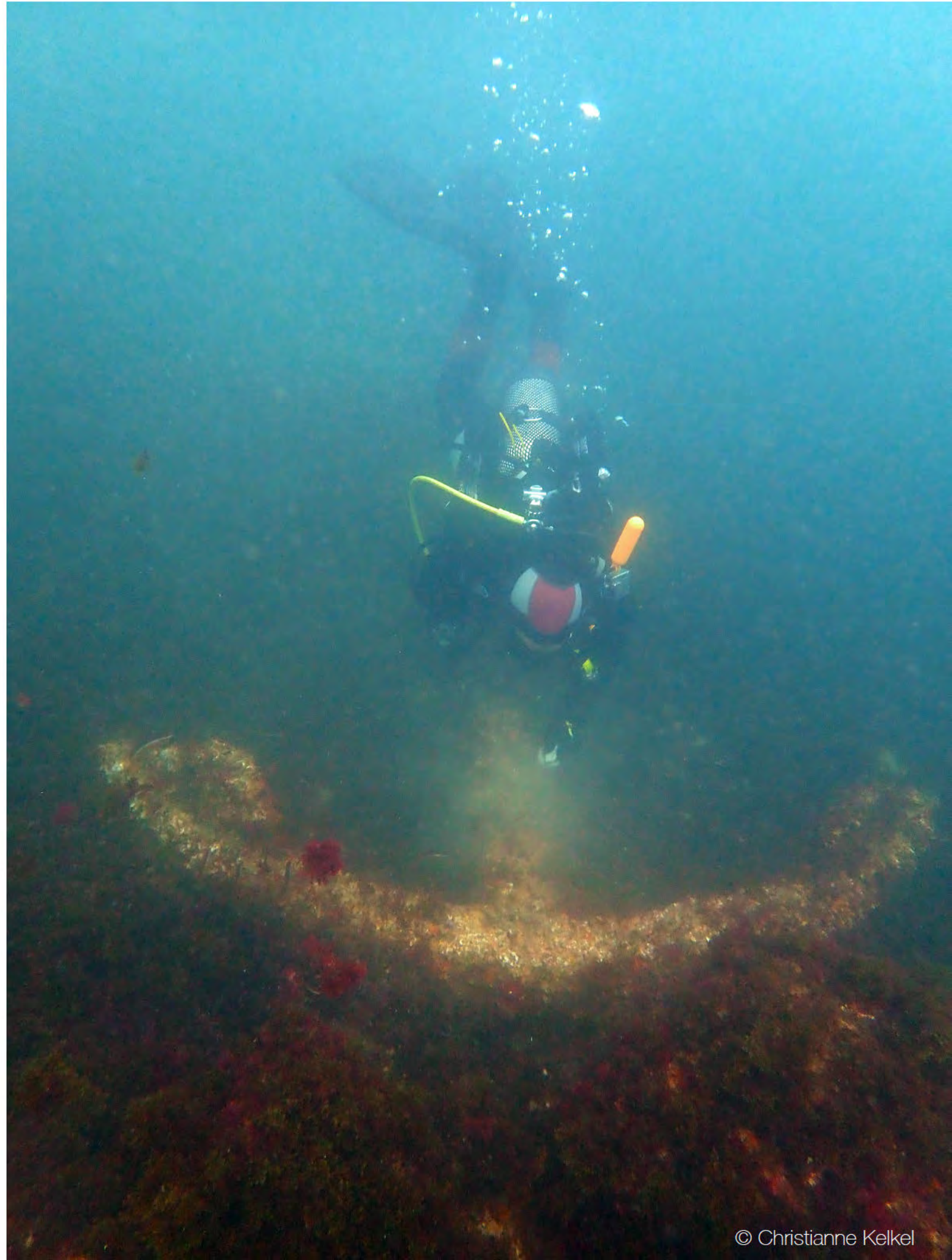
BIBLIOGRAFIA

FRAGA, Tiago (2008) – *Projecto de Carta Arqueológica do Concelho de Lagos 2007/8*. Lagos: Câmara Municipal de Lagos, 101pp.

FRAGA, Tiago. (2013) – “Survey Results from Lagos Bay, Portugal”. In *International Journal of Nautical Archaeology*, 42.2, pp. 257-269.

LOPES, G. C.; Caleja, P. e Fonseca, C. (2024) – *Relatório da 4ª Field survey do Projeto Water World – Lagos (outubro 2023)*. Lisboa: PCIP/ CNANS (versão policopiada).







Vivenciando o patrimônio do Recôncavo: ações educativas no município de São Félix

Fabiana Comerlato | CEAACP | UF do Recôncavo da Baia
fabianacomerlato@ufrb.edu.br

Durante os anos de 2024 e 2025, está em curso O projeto “Vivenciando o patrimônio do Recôncavo: ações educativas no município de São Félix”, dentro de uma concepção extensionista de popularização da Arqueologia e sob os alicerces da ciência cidadã. São Félix é uma cidade que faz parte do território do Recôncavo da Bahia, Brasil, onde está situado campus do Centro de Artes, Humanidades e Letras da

Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB). A partir de 2024, o Laboratório de Documentação e Arqueologia (LADA) é transferido para o Pavilhão 2 de Julho, no centro da cidade. Dentro desse cenário institucional e territorial, elegemos o município de São Félix como locus de atuação em prol da popularização da ciência arqueológica e valorização do patrimônio arqueológico local.



Fig. 1 - Equipe do projeto Vivenciando, reunião de trabalho no LADA/UFRB, Pavilhão 2 de Julho, São Félix, Universidade Federal do Recôncavo da Bahia. Abril de 2024.



Fig. 2 (3m cima, à esquerda) - Oficina "Maleta arqueológica", ação realizada na Escola General Flamarion Pinto de Campos, situada na Fazenda Pilar, zona rural de São Félix, Bahia, Brasil. Agosto de 2024.

Fig. 3 (em cima, à direita) - Oficina "Escavação arqueológica simulada", ação realizada no Pavilhão 2 de Julho com estudantes do Colégio S. S. Sacramento de Cachoeira, Bahia, Brasil. Abril de 2025.

Fig. 4 (em baixo) - Oficina "Arte rupestre", ação realizada no Colégio Municipal Duque de Caxias, situado em Outeiro Redondo, zona rural de São Félix, Bahia, Brasil. Abril de 2024.

As estratégias didáticas estão ancoradas em estabelecer uma conexão com o patrimônio arqueológico local, aprofundando em temáticas específicas, tais como: produção da cultura material, representações gráficas, tecnologias do passado, modos de vida, usos do meio ambiente, formação de territórios e identidades. Quanto à dimensão temporal, a articulação entre passado-presente-passado é importante para aproximar os estudantes de outras 'realidades pretéritas', muitas vezes pouco conhecidas pela população em geral. Todas as atividades pretendem valorizar o patrimônio arqueológico a partir da experiência prática em oficinas, jogos e dinâmicas, em que os estudantes exercem importante papel como articuladores,

criadores e promotores do conhecimento. Compõe o projeto estudantes de graduação e do mestrado do Programa de Pós-Graduação de Arqueologia e Patrimônio Cultural (PPGap) da UFRB. Até o momento, foram realizadas mais de 22 ações envolvendo cerca de 250 estudantes de escolas públicas e particulares. Ainda, em 2024, o projeto foi contemplado no "Programa SPBC vai à escola", da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência. Conta com a parceria da Secretaria de Educação de São Félix e foi contemplado pelo edital PIBEX/UFRB no mesmo ano.



Fig. 5 (ao lado) - Momento culminante do projeto com a entrega da medalha "Guardião do patrimônio" aos estudantes da Escola Menino Jesus, distrito sede do município de São Félix, Bahia, Brasil. Outubro de 2024.

Fig. 6 (página seguinte, à esquerda) - Desenho da atividade "Arqueólogo(a) por um dia". Autoria: Aimmy Victoria dos Santos Silva, estudante da Escola Sonho da Criança, São Félix, Bahia, Brasil. Outubro de 2024.

Fig. 7 (página seguinte, à direita) - Desenho da atividade "Arqueólogo(a) por um dia". Autoria: Danilo dos Anjos, estudante da Escola Menino Jesus, São Félix, Bahia, Brasil. Novembro de 2024.

Nome: Alomay Victorio dos Santos Silva Escola: Sonhecla Luança
Série / Turma: 4^o ano Data: 16/10/24

Arqueólogo(a) por um dia!

Imagine você sendo um(a) pesquisador(a) em busca dos vestígios mais antigos do Recôncavo. Use o espaço abaixo para desenhar essa grande aventura!



Nome: Daniela dos Anjos Escola: Remina Jesus
Série / Turma: 4^o ano Data: 12/11/2024

Arqueólogo(a) por um dia!

Imagine você sendo um(a) pesquisador(a) em busca dos vestígios mais antigos do Recôncavo. Use o espaço abaixo para desenhar essa grande aventura!





JANELAS

PORTUGUESAS

DOS SÉCULOS XV A XVIII



José Luís Madeira
Jorge de Alarcão

Recensão a *Janelas Portuguesas dos Séculos XV a XVIII*

José d'Encarnação | CEAACP - Universidade de Coimbra
jde@ci.uc.pt

José Luís MADEIRA e Jorge de ALARCÃO, ***Janelas Portuguesas dos Séculos XV a XVIII***, edição do Centro de Estudos em Arqueologia Arte e Ciências do Património. Coimbra, 2024; ISBN: 978-989-36060-0-1, 333 páginas ilustradas.

Decidiram José Luís Madeira e Jorge de Alarcão sugerir mais atento olhar a um dos elementos arquitetónicos a que, do ponto de vista artístico, nem sempre se dá atenção. Se estamos de dentro, interessa-nos a paisagem exterior; se estamos fora, a janela desperta a curiosidade é para o interior, quando aberta, se fechada carece de interesse e só mui raramente lhe observamos os contornos ou eventual decoração; e se acaso é janela de peito com suas conversadeiras, aqueles simpáticos banquinhos de pedra, dum lado e do outro da parte de dentro, quem há aí que, neles sentado, dê fé de arquitetónicos rendilhados? Outros «rendilhados» interessam...

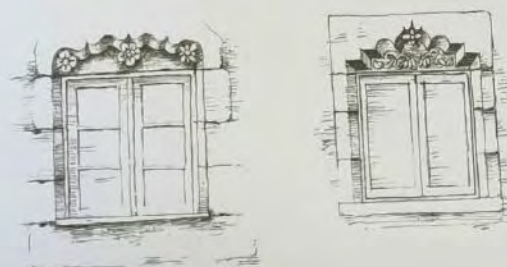
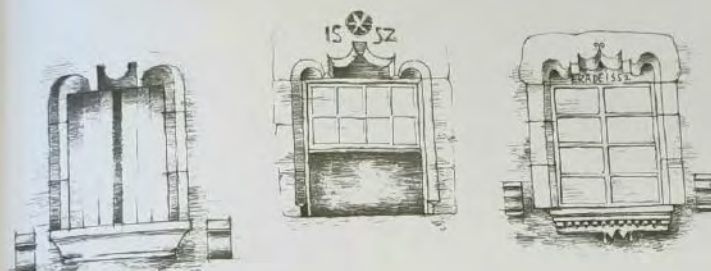
Milhares de janelas haverá por esse Portugal além. Investigador que se abalance a delas fazer catálogo carece, obviamente, de estabelecer mui criteriosa seleção, baseada em claro pressuposto metodológico.

Isso fizeram, desde logo, os autores: a ideia foi seleccionar testemunhos portugueses dos séculos XV a XVIII, suficientemente elucidativos do ponto de vista formal, susceptíveis de lhes possibilitarem a captação de modelos capazes de, com alguma segurança e mediante esta apresentação de minuciosos desenhos e sintéticas descrições, estabelecerem modelos cronologicamente datáveis: «Este é o tipo de janela predominante na segunda metade do século XV», «Este é o que mais se adequa ao que se encontra em edifícios do século XVIII»...

38.



TAVOLA - PARADA DE GONCAL-
CASA DE S. JOE OV. 386. 1180TRAS



39.

FREIXO DE ESPADA 3 CINTA 4

JANELAS PORTUGUESAS DOS SÉCULOS XV A XVIII

José Luís Madeira
Jorge de Alarcão

Nada do que acontece em termos históricos se pode, alguma vez, desagarrar do contexto geográfico e da conjuntura político-económica. Essa, pois, a preocupação sempre presente nesta obra, onde a pormenorizada descrição, baseada em exaustiva bibliografia, sobriamente se alia a esses contextos: «O solar da Sempre Noiva terá sido construído por D. Afonso de Portugal, bispo de Évora de 1485 a 1522, data da sua morte» (p. 50); a Casa da Tapada, Fiscal (Amares) «residência foi de Francisco de Sá de Meneses (neto do poeta Sá de Miranda). A capela, por ele mandada construir, tem data de 1618. Poderá esta atribuir-se à própria casa?» (p. 132).

Uma descrição cuidada também em termos técnicos, digamos assim. Na verdade, importava que a cada elemento fosse dado o nome adequado e, nesse âmbito, começando pelo edifício em si, os autores não hesitaram em pôr abertamente a questão: O que é um solar? Uma casa apalaçada? A casa corrente? Um palácio? Uma casa nobre? Uma casa solarenga? O sobrado?... Que há, em cada um desses casos, de verdadeiramente distintivo?

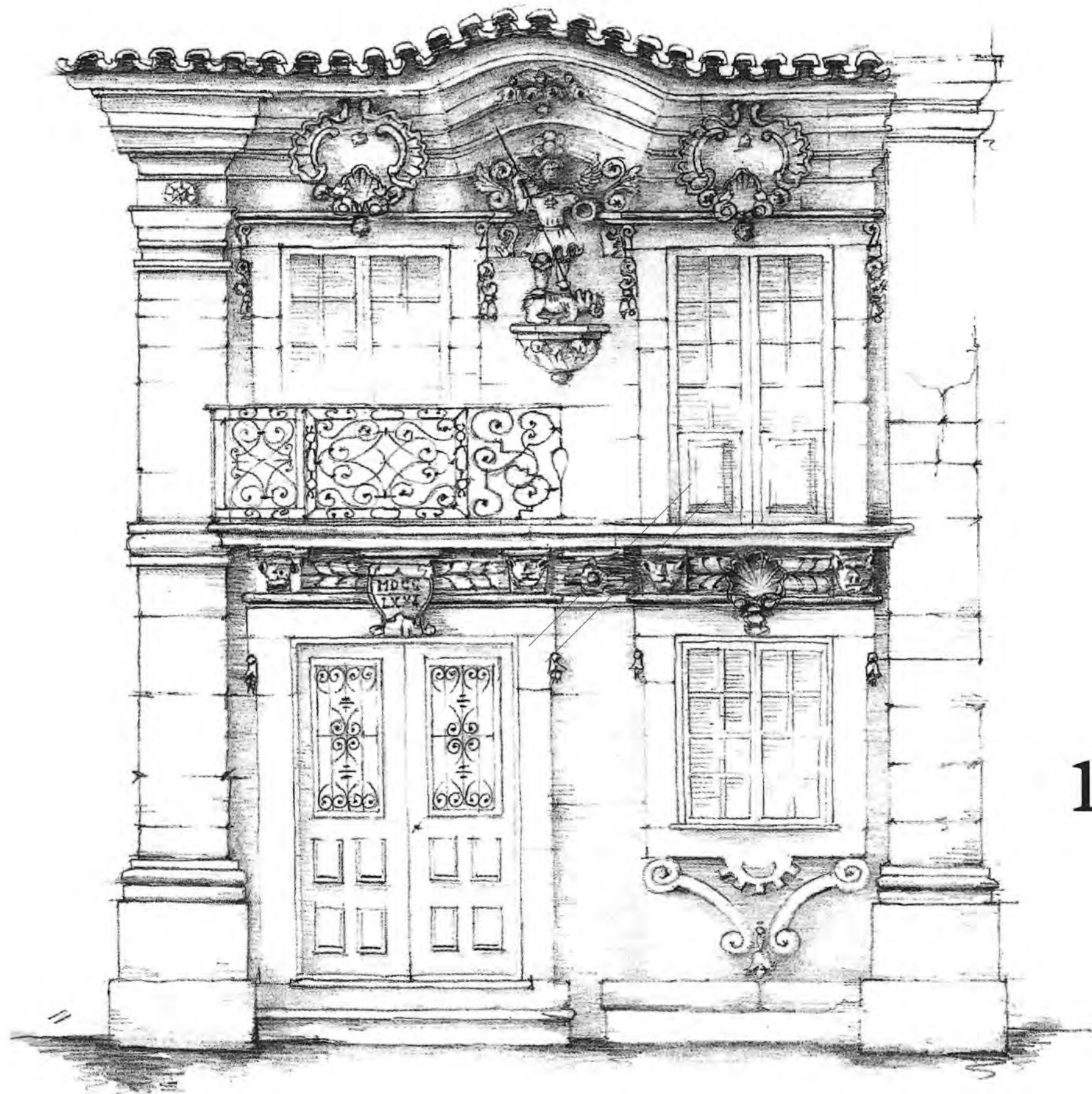
E mesmo as janelas: que é uma janela de guilhotina? E de sacada? Uma janela rasgada? Uma janela de peito? E houve predileção, nalgum século, por algum desses tipos em particular? Que são portadas, muxarabiês, ombreiras, vergas?...

Há, depois, todos os pormenores.

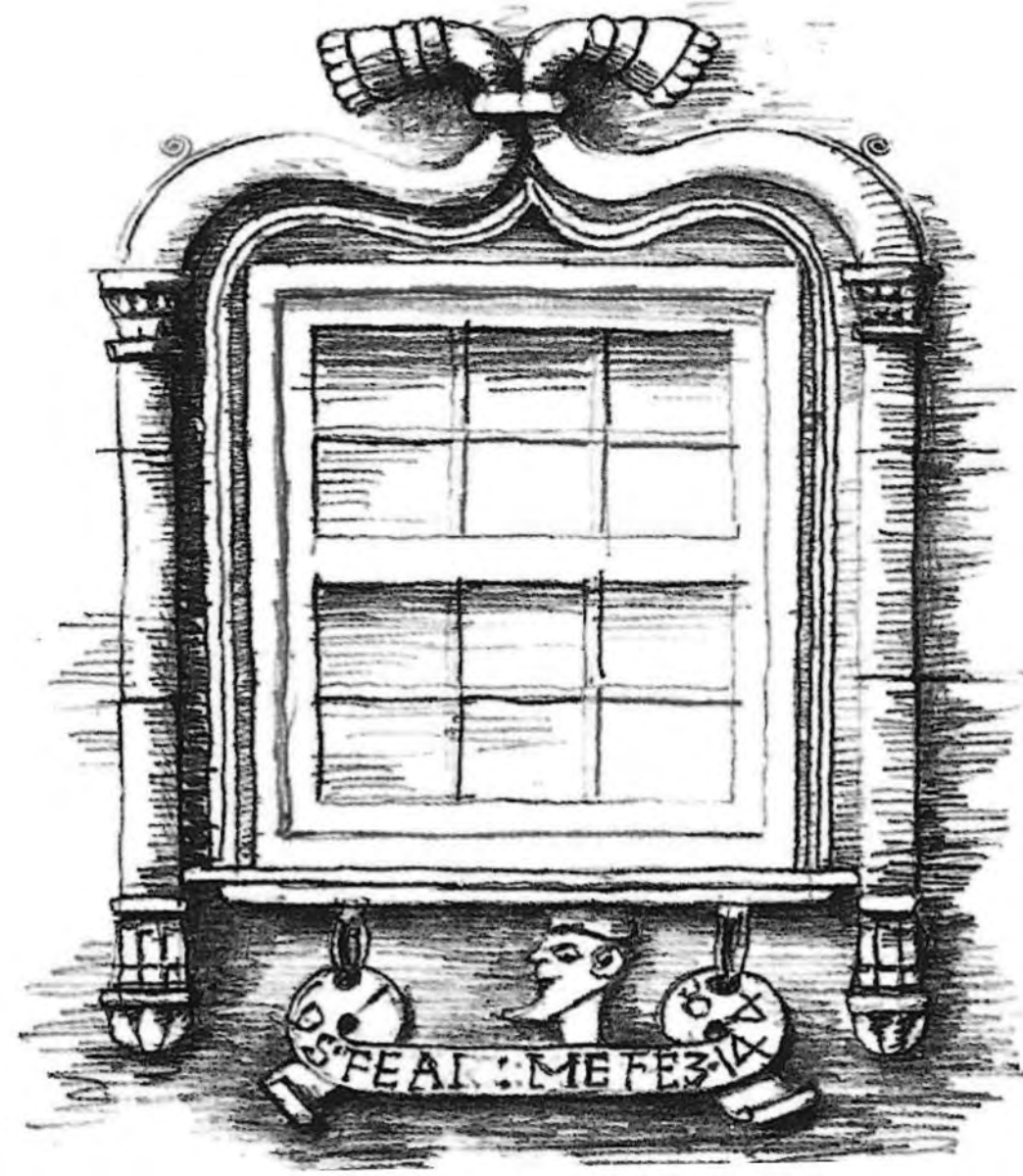
Leia-se, a título de exemplo, este parágrafo:

«Lateralmente, as portadas articulam-se por meio de peças de ferro, os lemes, providos de espigão que se insere num pequeno copo ou cachimbo» (p. 26).

Como, em poucas palavras, se dá conta duma série de designações, a tal terminologia técnica que deve conhecer-se no cotidiano, a fim de evitarmos palavras e expressões como «o coiso», «aquela coisa»... Tudo, afinal, tem nome próprio e há que o saber, mesmo não sendo carpinteiros ou construtores civis, para melhor nos entendermos. Por isso, no final (p. 217-221), também se apresenta prestimoso glossário.



124.



Se vale a pena folhear pausadamente este volume, com 180 números, cada um deles a referir uma ou mais janelas de um edifício, acompanhados os desenhos por adequada e fundamentada descrição? Sem dúvida!

Relevante pela exaustiva bibliografia apresentada, pela integração histórica e, de modo especial, pelos excelentes e preciosos desenhos de José Luís Madeira. Pois não se mostram só os pormenores sugestivos de cada janela, há delineada a representação da respectiva casa na sua totalidade.

Dará seguramente muito gosto e proveito a leitura vagarosa destas páginas, onde, a par do citado rigor descritivo, campeia a enorme sensibilidade gráfica que destes desenhos dimana.

Um livro para ter na mesa da sala de visitas, a fim de ser folheado não uma mas muitas vezes. No fundo, um passeio bem diferente, guiado por bem argutos olhares, por esse Portugal de antanho, que tanto, afinal, tem para admirar.

Lara Bacelar Alves



In Memorium

Haverá outras pronúncias, mas apropriamo-nos daquela que Guimarães Rosa entoou por ocasião da sua posse na Academia Brasileira de Letras, em 1967: “O mundo é mágico: as pessoas não morrem, ficam encantadas... a gente morre é para provar que viveu”.

Investigadora integrada do CEEACP e especialista em Arte Rupestre, Lara trouxe para os diálogos sobre as artes pintadas em pedras do passado novas perspectivas epistemológicas e metodológicas.

Graças ao seu trabalho, esta arte tão distante pôde ser pensada no presente de maneira renovada e registada em inovadores suportes.

Foi uma mulher que viveu com um profundo amor pela arte e, quem sabe se por isso, a Lara manifestava uma capacidade única de transmitir beleza com generosidade e sensibilidade.

Falamos assim, nós que nem a conhecíamos tanto quanto os seus amigos próximos, mas observámos, no tempo em que passou connosco, que no trabalho inspirado pelos saberes dos ancestrais reinventou possibilidades e imprimiu ao presente inovação e autenticidade.

A sua contribuição científica e intelectual ficará como marco no campo das artes dos antepassados mais pretéritos, para além dos questionamentos sobre cronologias e geografias, promoção e preservação, técnicas e suportes e outras perguntas pertinentes, mas, também elas, abertas apenas a sábios. Será reconhecida pela coragem com que desafiou tradições e propôs novas leituras e abriu legibilidade aos de fora do núcleo de especialistas.

Entre tantas contribuições, e também visando abrir ao mundo o conhecimento, a Lara esteve na idealização e coordenação da revista **Kairos**, à qual emprestou cuidado e orientou a identidade estética.

E nada mais justo do que a palavra grega “Kairos”, que significa o tempo certo, o instante oportuno, o momento em que tudo pode acontecer. Ao contrário de “Chronos”, que representa o tempo que simplesmente passa, “Kairos” exhibe o tempo pleno de sentido, capaz de nos transformar. Assim ansiou Lara a revista: como espaço de encontro, criação e reflexão, concebido através do seu olhar sensível e rigoroso, o mesmo que impunha ao seu trabalho.

Evocar Lara é também honrar um tempo oportuno e criativo, e assumir a sua memória como semente de futuro, que permanece entre nós. Nós todos; muito além do CEAACP.

O projecto colaborativo **LandCRAFT**, que Lara desenhou e liderou e onde associou outros investigadores de outras unidades de investigação, representou um importante avanço na investigação do património arqueológico das artes e na compreensão das práticas artísticas ancestrais relacionadas com o território. Cabe, tristemente, também rememorar Andreia Martins, investigadora da UNIARQ, que se encantou, também prematuramente e que com Lara, e os outros elementos da equipa, riscaram o mapa dos traços dos velhos “desenhos” em pedra selados.

Num tempo em que o mundo gira de modo que é quase uma incapacidade perceber os eixos em que se apoia, é preciso estar preparado para atender às urgências destes nossos dias. Valorizar e perpetuar o legado em que a Lara se empenhou, baseado em riscos e cores impressos em rochas milenares, tantas vezes escondidas, é parte integrante do caminho para nos mantermos vivos e interessados em contrariar a direção de um tempo que parece apenas conhecer as paletas e direção de cinzento.

A Lara encantou-se cedo demais. Pela mão do Professor José d'Encarnação, recebemos a obra "Omaggio alla donna incantata" com que, espontaneamente, Eugenia Serafini,

Professora universitária, artista e escritora/performer com experiência internacional, jornalista, formada em Letras Clássicas pela Universidade La Sapienza de Roma e aluna do grande Natalino Sapegno, viu este momento.

Uma obra de arte, aguarela colorida e tão oportuna quanto as pinturas do passado que a Lara nos mostrou. Uma criação que dialoga com o encantamento e a vivência heterodoxa do tempo, remetendo simultaneamente para a ancestralidade e para o futuro. Dimensões de tempo que, afinal, são também a nossa arte maior: dar substância a todos os tempos. No final de contas, ao Encantamento da humanidade.

scorrono lenti

i giorni del timore

albe smarrite

IVEN

ERATIN 16

Eugenia Serafini

*escorrem lentos
os dias do temor
auroras perdidas*

M. Conceição Lopes
João Pedro Bernardes
José D'Encarnação
em nome de toda a equipa do CEAACP



Consulte o site

<https://www.uc.pt/ceaacp/>

para mais informação sobre as atividades do CEAACP

